

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

CINTHIA CRISTINA DE OLIVEIRA MARTINS

**A RELAÇÃO ENTRE OS MEIOS MUDIÁTICOS DIGITAIS
E A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DOS ESTUDANTES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA:
pistas para (re)pensar o ensino de História no século XXI.**

3141

L

(c)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UBERLÂNDIA – MG
2013

CINTHIA CRISTINA DE OLIVEIRA MARTINS

**A RELAÇÃO ENTRE OS MEIOS MUDIÁTICOS DIGITAIS E A
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DOS ESTUDANTES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA:
pistas para (re)pensar o ensino de História no século XXI.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de História da Universidade Federal
de Uberlândia, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador(a): Profa. Dra. Aléxia Pádua
Franco.

Uberlândia
2013

MARTINS, Cinthia Cristina de Oliveira (1991)
A RELAÇÃO ENTRE OS MEIOS MUDIÁTICOS DIGITAIS E A CONSCIÊNCIA
HISTÓRICA DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: Pistas para (re)pensar o
Ensino de História no século XXI.
Cinthia Cristina de Oliveira Martins – Uberlândia, 2013. 102fls.

Orientadora: Profa. Dra. Aléxia Pádua Franco

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Palavras-Chaves: Ensino de História, consciência histórica, cultura contemporânea, produção discente.

Aos meus pais e minha irmã, pelo estímulo, carinho, compreensão e pela credulidade que me dedicaram ao longo desses anos.

CINTHIA CRISTINA DE OLIVEIRA MARTINS

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aléxia Pádua Franco - FACED/UFU
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Iara Vieira Guimarães
Universidade Federal de Uberlândia - FACED/UFU

Prof. Dr. Sérgio Paulo Moraes
Universidade Federal de Uberlândia - INHIS/UFU

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter me ajudado a alcançar mais essa vitória e por ter me concedido força nos momentos de fraqueza.

Aos meus pais, Sidinei Costa Martins e Sebastiana de Oliveira Martins, e à minha irmã, Ana Laura de Oliveira Martins, pelo amor, carinho e credulidade dedicados à mim, e por sempre estarem ao meu lado, apoiando as decisões que tomei.

À minha orientadora, Aléxia Pádua Franco, por acreditar que aquela graduanda no segundo período de História era capaz de auxiliá-la no desenvolvimento do PEABIRU em Uberlândia, pela relação de amizade e respeito desenvolvida ao longo desses quase quatro anos de trabalho conjunto.

À minha família, tios, tias, primos, primas, madrinhas e padrinho, que não citarei nominalmente por ser muito numerosa, mas que foi muito importante na minha formação enquanto pessoa. Mas tenho que fazer um agradecimento especial à duas familiares que foram muito importantes na minha vida. Sempre estiveram dispostas a dar um conselho nas horas de incerteza, um puxão de orelha nos momentos que cometi um erro, uma carona e refeições nos momentos de dificuldade de morar sozinha, Madrinha Marilda e Tia Maria Antônia.

Ao meu namorado, Gabriel Tobias Ramos Duque, por sempre estar ao meu lado, disposto a me ouvir nos momentos de aflição, dar carinho nos momentos de tristeza, ser compreensivo com o longo tempo dedicado à escrita, que faziam com que eu não lhe dedicasse a quantidade de atenção que ele merecia.

Aos amigos de uma vida inteira, que sempre estiveram ao meu lado, tanto nos momentos bons quanto nos momentos ruins. Amigos esses que superaram a distância geográfica, e fizeram conservar uma amizade tão bonita e sincera, Sara, Maria Emília e Marília.

Aos amigos que ganhei ao longo da vida, mas que não são menos amados por isso. Patrícia Perez, amiga que conheci ainda no ensino médio, que o destino quis que nos encontrássemos novamente no ensino superior, e desde então considero como uma irmã que a vida me deu. Ao Gustavo, Fabrícia, Mariane, Grace, Flávio, amigos que conheci no primeiro ano de curso, e que logo no primeiro contato tive certeza de se tratar de pessoas de boa índole, confiáveis e que mereceriam todo o meu amor e respeito. Eu não estava errada. Mesmo com

as mudanças que a vida traz, não diminuiu em nada o sentimento que sinto por vocês. À Ana Gabriela, Suelen, Paula, Lays, Cássia, Fernando, que aprendi a gostar ao longo da convivência, e hoje são tão importantes quanto qualquer outro amigo que tenho. Entretanto a vida não é feita apenas de boas amizades, por isso não posso deixar de mencionar os “ex-amigos”. Pessoas que fizeram parte de minha vida, e que não fazem mais; mas suas atitudes foram importantes para que eu visse que o mundo não é composto apenas de pessoas confiáveis, e isso ensinou muito.

Aos membros da Sociedade Pancadaria Visigodos, veteranos que me acolheram como parte de seu grupo de amigos, e que foram muito importantes para minha adaptação à nova vida universitária.

Aos membros do projeto de pesquisa PEABIRU em Uberlândia, Ester Castelar, Nathalie Palomares, Maria Clara Pereira, Isabel Cristina, Luan Damasceno, Raniery, Jéssica Cristina, João Augusto Neves, Alinne Neves, Eucídio Arruda e Astrogildo Silva Júnior. Com alguns desenvolvi uma relação mais próxima, contudo todos foram de suma importância para a realização deste trabalho.

Ao Dezin (Bar do André), que desde o primeiro dia que cheguei à Uberlândia me atendeu com um sorriso no rosto, um carinho especial e uma cerveja gelada.

Meu sincero MUITO OBRIGADA!!!!

“... Não é nosso objetivo encerrar discussões acerca das implicações das tecnologias digitais no âmbito das produções historiográficas e do ensino de História, mas exatamente o contrário: iniciar as discussões nessa área, para que possamos ultrapassar o aspecto de transitoriedade temporal contínua dessas tecnologias, de maneira a construir referenciais de produção de conhecimento histórico, bem como do ensino e da aprendizagem histórica.” (ARRUDA, 2011)

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados obtidos a partir de uma pesquisa desenvolvida na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, entre os anos de 2010 a 2013. Essa teve como objetivo investigar a relação existente entre os meios midiáticos digitais e a consciência histórica dos estudantes de 7º anos, através do levantamento dos acessos que esses estudantes têm a esses meios midiáticos na escola, em seu cotidiano e de produções discentes disponibilizadas no site de compartilhamento, *youtube*.

Para realizar este trabalho acompanhei as aulas de História de quatro escolas distintas, sendo essas duas estaduais, uma municipal e uma particular. Detive-me na análise da relação dos jovens estudantes com os artefatos culturais digitais, mais especificamente, com sites da internet. Para isso apresento o perfil de consumo destes artefatos por parte dos estudantes participantes da pesquisa, que evidencia que a grande maioria possui pelo menos um computador em casa, a partir do qual acessa a Internet. Quando questionados sobre para que se conectam à Internet, a maioria afirmou ter, como intenção principal, acessar sites de busca, justificada pelo fato de os jovens os terem como fonte preferida de consulta; seguido pelo acesso aos sites de compartilhamento, a partir do qual eles assistem vídeos; e sites de relacionamentos, a partir dos quais se comunicam com seus amigos. Quando indagados em relação à forma como se apropriam do conhecimento disponível nos sites de busca, eles afirmaram que procuram o conteúdo pedido pelo trabalho, fazem uma leitura rápida e copiam, seja integralmente ou uma parte de cada texto disponível na web, o material no *Word* e entregam para o professor, sem realizar leitura mais aprofundada ou modificação.

Analisamos este cenário mais detidamente, a partir da problematização de um trabalho discente disponível no site *youtube*, através do qual observamos o quanto a disciplina de História é desinteressante para os estudantes, pois, para tornar seu trabalho mais atrativo, os jovens colocaram o conteúdo histórico comprimido por elementos contemporâneos à sua vivência, sem estabelecer relação entre eles. Outra questão que merece destaque é o fato de, ao longo do vídeo, as imagens terem sido utilizadas apenas para ilustrar o conteúdo histórico; enquanto que os textos foram construídos através de frases fragmentadas, aparentemente retiradas de um livro didático ou site da internet, descontextualizadas e que não aprofundam o conteúdo abordado. E também o fato de a produção discente apresentar traços que apontam

para uma consciência histórica baseada no preconceito e hierarquização cultural, apesar de toda a política educacional voltada para a valorização e respeito à diversidade cultural.

Estas são pistas que revelam a importância das produções históricas disponibilizadas no ciberespaço, discentes ou não, serem debatidas nas aulas de História para que o professor seja mais que um transmissor de informações do passado, mas sim um mediador de múltiplas consciências históricas que circulam na sala de aula - as suas, dos jovens estudantes, dos materiais didáticos, das mídias - no sentido de contribuir para a compreensão crítica do tempo, da identidade e da ação na história.

ABSTRACT:

The present work introduces the results obtained through a research developed in the city of Uberlândia, Minas Gerais, between the years of 2010 and 2013. Had the goal of investigating the existing relation between digital media and the historical conscience of 7th grade students through the measuring of their access the students have to these media at school, in their daily lives and from students' productions available in the sharing website *Youtube*.

To accomplish this work I've accompanied History classes in four different schools, two of them being state run, one municipal and one private. I restrained my analysis to the relation of the young students to the cultural digital artifacts, specifically to the internet sites. Therefore I present the consumer profile of these artifacts by the students participating in the research, which demonstrates that most of them have at least one computer at home, through which they can access the internet. When questioned about the reason they connect the internet the majority affirmed to have as main intention access searching sites, justified by the fact that the youngsters have them as preferred source of consult; followed by the access to sharing sites, through which they watch videos; and relationship sites through which they communicate with their friends. When asked about the way they appropriate the knowledge available in searching sites, they affirmed that they look for the content asked on the assignment, read rapidly and copy it (either wholly or a part of each text available on the web) into *Word* and hand it in to the teacher, without further readings or modifications.

We analyzed this scenario through the problematization of a student work available in the website *Youtube* by which we observed how uninteresting History subject is to the students because, to make their work more attractive, the teenagers compressed the historical content by elements contemporary to their lives, without establishing any connection between them. Another matter that deserves to be highlighted is that throughout the video, the images where used only to illustrate the historical content; while the texts were constructed through fragmented sentences, apparently removed from a textbook or from a website, decontextualized and that don't deepen the subject addressed. Also the fact that the student production presents features that point to a historical conscience based on prejudice and cultural hierarchy, in spite of all the educational policies aimed for the valorization and respect of cultural diversity.

These are clues that reveal the importance of historical productions made available on cyberspace, by students or not, being discussed in History classes so the teacher becomes more than a transmitter of information from the past, but a mediator of multiple historical consciences that circulate in the classroom- his or her own, the young students, the didactic material, the media- in the way of contributing to the critical comprehension of time, identity and action in history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1: Faixa etária dos alunos do 7º ano do ensino fundamental.....	36
Gráfico 2: O uso dos meios culturais no cotidiano e na escola.....	37
Figura 1 - Aula na midiateca na EM.....	39
Figura 2 - Sala de aula da EEI.....	40
Figura 3 - Sala de aula da EEII.....	40
Figura 4 - Sala de aula da EM.....	41
Figura 5- Sala de aula da EP.....	41
Figura 6 - Uso de celular no intervalo na EEI.....	42
Figura 7 - Uso de celular no intervalo na EP.....	43
Figura 8 - Uso de celular no intervalo na EP.....	43
Gráfico 3: Quantos computadores os alunos do 7º ano afirmam ter em casa.....	44
Gráfico 4: Possui, ou não, o serviço de internet disponível em casa.....	45
Gráfico 5: Locais onde os jovens que não possuem internet em casa vão buscar tal serviço.....	46
Gráfico 6: Com que frequência os alunos do 7º ano acessam a internet.....	47
Gráfico 7: Quanto tempo os alunos de 7º ficam conectados, por dia?.....	48
Gráfico 8: Quais as páginas os alunos de 7º ano mais acessam?	50
Gráfico 9: Para que você utiliza a internet?.....	55
Figura 9: Cena do vídeo “Invasões Bárbaras”, a 26 segundos.....	61
Figura 10: Cena do vídeo “Invasões Bárbaras”, a 36 segundos.....	62
Figura 11: Cena do vídeo “Invasões Bárbaras”, a 1 minuto e 34 segundos.....	63
Figura 12: Cena do vídeo “Invasões Bárbaras”, a 2 minutos e 19 segundos.....	64
Figura 13: Cena do vídeo “Invasões Bárbaras”, a 1 minuto e 6 segundos.....	67

SUMÁRIO

RESUMO		viii
INTRODUÇÃO		15
Capítulo I:		
O SABER HISTÓRICO ESCOLAR EM		21
QUESTÃO: caminhos teórico-		
metodológicos		
Da Didática da História à Pesquisa Participativa		22
Seleção dos colaboradores da pesquisa		25
A coleta de dados nas escolas		27
Capítulo II:		
REFLEXÕES ACERCA DA APROPRIAÇÃO		34
DOS MEIOS MIDIÁTICOS DIGITAIS		
PELOS JOVENS DENTRO E FORA DA		
ESCOLA		
O perfil cultural dos estudantes dos 7º do		35
ensino fundamental de Uberlândia		
Qual a apropriação feita pelos estudantes da		
educação básica do material disponível na		49
internet?		
Capítulo III:		57

**A MANIFESTAÇÃO DA CONSCIÊNCIA
HISTÓRICA DE ESTUDANTES DOS ANOS
FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM
TRABALHOS ESCOLARES DISPONÍVEIS
NA INTERNET**

Seleção e apresentação do vídeo	59
Decupagem do objeto	61
Elementos da consciência histórica evidenciados no trabalho discente	65
A interação dos internautas: uma análise dos comentários postados	70

CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
-----------------------------------	----

DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78
--	----

ANEXOS	84
---------------------	----

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é sobre a apropriação discente dos meios midiáticos digitais, nas séries finais do ensino fundamental, e sua relação com a consciência histórica dos jovens e o ensino de História.

Como afirma Cerri “...*pensar historicamente no ensino de História é dedicar-se ao estudo das formas e dos processos pelos quais são constantemente feitas e refeitas as múltiplas consciências da História ao longo do tempo*”¹. Um dos objetivos do ensino de História nos dias de hoje é a construção do senso crítico dos cidadãos, contribuindo para que eles se tornem capazes de significar historicamente suas experiências, formar opiniões e pensar no seu agir com autonomia e responsabilidade social, em outras palavras, contribuir para que os estudantes (re)conheçam sua consciência história e a reelabore a medida que a relaciona com outras consciências históricas e com o saber histórico escolar. Ou seja, pensar o ensino de História como algo fechado é um erro, pois ele se caracteriza como uma disciplina com múltiplas funções sociais, que se transformam e se adaptam às mudanças sociais e culturais que o tempo proporciona.

Os meios de comunicação como televisão, internet, jornais impressos e eletrônicos transmitem informações atualizadas, sobre diferentes espaços e grupos sociais, de forma rápida e globalizada. Fato que pode fazer com que a informação fique fragmentada no momento em que não é feita uma contextualização desta. Se o espectador não possuir um conhecimento histórico mínimo sobre o fato explicitado, ou capacidade de se posicionar criticamente, ele ficará preso à opinião de quem formulou a notícia e não conseguirá se posicionar de forma autônoma sobre o assunto. Assim, ainda pensando na pluralidade de funções que a disciplina de História carrega consigo, os professores dessa, além de transmitir os conteúdos pré-determinados pelo currículo, precisam relacioná-los às experiências vivenciadas por seus alunos na sua realidade sociocultural, pois isso auxilia que o estudante se reconheça como agente desta história; ou seja, contribui para que esses se tornem capazes de relacionar o passado com o presente, e como consequência disso, pensar no seu agir para a construção de um futuro. Cerri, ao analisar Klaus Bergmann, problematiza a relação intrínseca entre o ensino de História e as experiências além da sala de aula, ao afirmar:

¹CERRI, L. F. *Ensino de História e Nação na propaganda do “Milagre Econômico”*. Revista Brasileira de História. V. 22. nº. 43. São Paulo, 2002, p. 196.

É importante compreender a História que se aprende fora da relação pedagógica escolar, porque ela é apenas um dos momentos do aprendizado da História por parte dos alunos: muitos dos seus conhecimentos sobre o tempo, sobre identidade, sobre o passado, são aprendidos antes, fora e concomitantemente ao ensino formal.²

Ao analisar essa conceituação de “*o que é o ensino de História?*”³, fui acometida por aflições que se transformariam na temática com a qual me proporia a trabalhar em minha monografia. E tais inquietações são: Qual o acesso dos jovens estudantes da educação básica aos meios midiáticos?; Qual a relação existente entre os meios midiáticos e o ensino de História na contemporaneidade?; Como os jovens estudantes relacionam os conteúdos midiáticos com os conteúdos apreendidos nas aulas de História?. A partir destas questões, configurou-se o problema da pesquisa: a relação entre o consumo midiático e a consciencia histórica dos jovens como um desafio para o processo de ensino e aprendizagem de História no século XXI.

No início do século XX, Durkheim⁴, ao ministrar suas aulas para formação de professores, destacou que

... cada sociedade, considerada num determinado ponto de seu desenvolvimento, tem um sistema de educação que se impõe aos indivíduos com força em geral irresistível. Inútil crer que possamos educar nossos filhos como desejamos. Há costumes que precisamos nos adequar; se os infringirmos muito gravemente, eles se vingam em nossos filhos. Uma vez adultos, não se acharão em condições de convívio, mas em desarmonia com seus contemporâneos.⁵

Apesar de pensar a educação em um contexto diferente do atual e com a preocupação de adaptar os indivíduos ao seu meio, essa afirmação de Durkheim reforçou minha preocupação em refletir sobre a relação entre o ensino de História e o contexto social vivido pelos estudantes, não no sentido de nos adequar, mas de contribuir para formar cidadãos que reconheçam criticamente sua inserção social e pensem na influência direta e indireta dos meios de comunicação em sua forma de agir e pensar. Nesse sentido, não podemos ignorar a relação escola/mídias. É preciso analisar a influência exercida pelos meios midiáticos na educação do início do século XXI, pois estes estão presentes em todas as esferas sociais.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ A obra se refere a uma publicação das aulas ministradas, de 1903 a 1911, por Durkheim, na Faculdade de Bourdéis, na cátedra Ciência da Educação. Sua primeira edição data de 1922.

⁵ DURKHEIM, E. *EDUCAÇÃO E SOCIOLOGIA*. Hedra, 2010, p. 30.

Nesse contexto, Franco e Verena apontam questionamentos importantes de serem considerados na pesquisa sobre o ensino de História no mundo contemporâneo, quando a opinião dos jovens é tão dinâmica quanto a produção de equipamentos eletrônicos e o avanço tecnológico na produção das mídias:

... Por que a preocupação com o ensino de História e a memória em tempos em que predominam o fugaz, o imediato, a “tirania do novo”? Como pensar sobre o presente e sua relação com o passado, junto a jovens e adolescentes que desenvolvem suas sensibilidades temporais em um contexto de mudanças rápidas, quando o presente se torna obsoleto, como um relampejo, quando o consumo midiático confecciona a possibilidade de sentir o passado, o presente e o futuro em um único instante, quando a simultaneidade temporal confunde as antigas ideias de alteridade, identidade e processo histórico?⁶

A partir da leitura de Cardoso, é possível perceber que, mesmo com a rápida evolução tecnológica que podemos observar ao longo do século XXI, a escola ainda é o local onde as diferentes culturas dispostas dentro de uma mesma sociedade se encontram e devem ser problematizadas. Ele ressalta que

... Os profissionais que trabalham com a cultura histórica são sobretudo os professores de História, mas também podem ser, entre outros, museólogos, jornalistas, escritores, letristas, roteiristas, cineastas, desenhistas, turismólogos, diretores e autores de teatro que utilizam conteúdos históricos em seus produtos ou obras. Se todos esses profissionais podem ignorar a presença da História escolar em seu trabalho, o inverso não é verdadeiro para os professores de História. Isso porque tudo que tem relação com a cultura histórica — por exemplo, filmes, programas de televisão, romances históricos, peças de teatro, histórias em quadrinhos, pontos turísticos, museus, comemorações de datas históricas, revistas de divulgação científica e outros textos jornalísticos — chega às aulas de História pelas mãos dos próprios professores ou por meio de referências trazidas pelos alunos.⁷

A partir da constatação de que na escola e, em particular, nas aulas de História, diferentes personagens sociais e suas experiências culturais se encontram, sendo essas semelhantes ou diferentes, acredito que o espaço escolar é um rico campo de pesquisa didático-histórica, na concepção de CARDOSO⁸ e BERGMANN⁹, apesar de não ser o

⁶FRANCO, A. P. ; VERENA, R. A. S. . *A memória e o ensino de História hoje: um desafio nos deslizamentos de sentidos*. In: Ernesta Zamboni. (Org.). *Digressões sobre o Ensino de História: memória, história oral e razão histórica*. 1ed.Itajaí - SC: Maria do Cais, 2007, v. , p. 73.

⁷CARDOSO, O. *Para uma definição de Didática da História*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 28, nº 55, 2008, p. 159.

⁸Ibid.

⁹BERGMANN, K. A História na reflexão didática. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 9 (19), pp. 29-42, set.1998/fev.1990.

único, pois nele o pesquisador encontra representações da cultura contemporânea e características sociais dos frequentadores dessa.

Encontrei espaço para aprofundar essas minhas reflexões no projeto de pesquisa “A formação da consciência histórica em estudantes da educação básica: entre manifestações da cultura contemporânea e as culturas escolares”¹⁰, desenvolvido na cidade de Uberlândia entre os anos de 2010 – 2013¹¹, coordenado pela Profa. Dra. Alécia Pádua Franco; projeto esse que se caracterizou como um subprojeto de uma pesquisa de âmbito interinstitucional, denominado “PEABIRU¹²: Ensino de História e cultura contemporânea”, coordenado pela Profa. Dra. Ernesta Zamboni, da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (UNICAMP).

Ingressei no projeto a partir de do convite direto da professora Alécia. Em um trabalho conjunto entre todos os pesquisadores e colaboradores, fizemos a seleção das escolas com as quais pretendíamos trabalhar, sendo essas duas Escolas Estaduais, uma Escola Municipal e uma Escolar Particular, com enfoque nas turmas de 7º ano do Ensino Fundamental. A coleta de dados foi realizada nos anos de 2010 e 2011, e o ano seguinte foi dedicado para a realização das análises dos materiais produzidos. As análises apresentadas nesta monografia são os resultados obtidos ao longo do desenvolvimento da supracitada pesquisa, desenvolvida em Uberlândia.

No primeiro capítulo, aprofundarei os referenciais teórico-metodológicos que estruturaram minha pesquisa e apresentarei seus caminhos metodológicos. Abordo os conceitos de Didática da História, referenciado por Cardoso¹³, Bergman¹⁴, Pagés¹⁵; de

¹⁰ Projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG - entre os anos de 2010 – 2013.

¹¹ Aproveito este espaço para agradecer a todos os pesquisadores e colaboradores que cooperaram no desenvolvimento desta pesquisa. São esse os pesquisadores/bolsistas: Ester Castelar, Nathalie Palomares, Maria Clara Pereira e Isabel Cristina; os pesquisadores do PIBIC/Jr.: Luan Damasceno, Raniery e Jéssica Cristina; aos colaboradores: João Augusto Neves, Alinne Neves, Eucídio Arruda e Astrogildo Silva Júnior.

¹² Peabiru é o nome do caminho construído pelos povos Tupi-Guarani em períodos anteriores à colonização e significa “o caminho do sol”. Segundo explicam os Guarani e Tupi-Guarani da atualidade, esse caminho foi construído para estabelecer uma ligação entre estes povos com grupos indígenas que viviam na América Espanhola. Usamos a imagem do Peabiru para evidenciar os caminhos de aproximação entre os participantes deste projeto, pesquisadores da região sul e sudeste do Brasil e da Argentina.

¹³ CARDOSO, O. *Para uma definição de Didática da História*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, nº 55, 2008, p. 153-170.

¹⁴ BERGMANN, K. A História na reflexão didática. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 9 (19), pp. 29-42, set.1998/fev.1990.

¹⁵ PAGÈS BLANCH, Joan. Reflexiones sobre algunos problemas teóricos y de método de la investigación en Didáctica de la Historia y de las Ciencias Sociales1 .

Reseñas de Enseñanza de la Historia nº 9. APEHUN, agosto, 2011, p. 41-60

consciência histórica, a partir de Rüsen¹⁶, assim como a leitura que outros historiadores fazem desse conceito, como Cerri¹⁷, Lucini, Oliveira e Miranda¹⁸. Apresento a metodologia da pesquisa participante conforme Ezpeleta; Rockwell¹⁹ e Campos²⁰, e de grupo focal, baseada em Gatti²¹.

No segundo capítulo, apresentarei as análises feitas através dos dados coletados e produzidos na primeira etapa da pesquisa, que consiste em gráficos²² produzidos a partir da análise dos questionários, fotografias produzidas pelos pesquisadores, transcrições dos grupos focais. Análises essas que abordam o perfil e o consumo cultural dos jovens estudantes com foco no consumo das mídias digitais dentro e fora do espaço escolar.

No terceiro capítulo, analisarei um trabalho escolar discente para a disciplina História, disponível no site *youtube*. É importante realizar este trabalho devido ao fato de essas produções evidenciarem a compreensão que os estudantes autores têm sobre a História, dão pistas para caracterizar a consciência histórica que estes jovens carregam consigo e os desafios do processo de ensino e aprendizagem de História no século XXI.

¹⁶ RUSEN, J. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. *Propuesta Educativa* - Flacso 4 (7). 1992, Buenos Aires: Miño y Davila Ed., pp. 27-36.

¹⁷ CERRI, L. F. *Ensino de história e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p 128 - 130.

¹⁸ LUCINI, M.; OLIVERIA, S.; MIRANDA, S. Na esteira da Razão Histórica: olhares e diálogos com a obra de Jörn Rüsen. In: ZAMBONI, Ernesta. *Digressões sobre o ensino de história: memória, história oral e razão histórica*. Itajaí: Ed. Maria do Cais, 2007.

¹⁹ EZPELETA, J. e ROCKWELL, E. *Pesquisa Participante*, São Paulo, Cortez/Autores associados, 1986.

²⁰ CAMPOS, M. M. M. *Pesquisa participante: possibilidades para o estudo da escola*. Caderno de Pesquisa. 1984, n.49, p. 63-66.

²¹ GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber livro, 2005, 77p.

²² Os gráficos foram produzidos por mim, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, a partir dos dados recolhidos na primeira etapa.

O SABER HISTÓRICO ESCOLAR EM QUESTÃO: CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

CAPÍTULO I

O campo de investigação relativo à teoria e à metodologia do saber histórico escolar vem, há tempos, recebendo um número cada vez maior de pesquisadores e adeptos que, em diferentes trincheiras, têm contribuído para a afirmação de uma fronteira de pesquisas, cujo limite são muito vastos. No Brasil, a última década [1990] foi marcada por um crescimento vertiginoso, qualitativo e quantitativo, das pesquisas que têm o ensino de História como objeto privilegiado de estudo. (LUCINI, OLIVEIRA e MIRANDA, 2007)

No primeiro capítulo deste trabalho aprofundarei os referenciais teórico-metodológicos que estruturaram meu trabalho, e apresentarei os caminhos metodológicos percorridos ao longo do desenvolvimento da primeira etapa da pesquisa.

1.1 Da Didática da História à Pesquisa Participativa

Para analisar a relação entre o saber histórico escolar e a cultura histórica que circula em diferentes lugares sociais, situo a pesquisa no campo da Didática da História (CARDOSO²³; PAGÈS BLANCH²⁴), pensando que esta é uma área da História em diálogo com as pesquisas em educação e com os métodos da antropologia, pois como afirma Cardoso, a cultura histórica é formada não só na escola, mas também nos espaços extra escolares, pois

Com base na definição de Didática da História sintetizada no parágrafo anterior, podemos definir a pesquisa de campo didático-histórica como situada no cotidiano de qualquer espaço de expressão da cultura ou da consciência históricas. Esse espaço não se restringe às aulas de História, mas inclui também os espaços de atuação de museólogos, jornalistas, escritores, letristas, roteiristas, cineastas, desenhistas, turismólogos, diretores e autores de teatro que utilizam conteúdos históricos em seus produtos ou obras. Ainda que a pesquisa de campo didático-histórica possa ser realizada no cotidiano escolar, ela não é estritamente uma pesquisa educacional, pois suas conclusões não se restringem a esse contexto. A pesquisa de campo didático-histórica pode ser realizada no cotidiano escolar, mas não é apenas sobre o cotidiano escolar, pois suas conclusões sempre dizem respeito

²³ CARDOSO, O. *Para uma definição de Didática da História*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, nº 55, 2008, p. 153-170.

²⁴ PAGÈS BLANCH, Joan. Reflexiones sobre algunos problemas teóricos y de método de la investigación en Didáctica de la Historia y de las Ciencias Sociales I. *Reseñas de Enseñanza de la Historia* nº 9. APEHUN, agosto, 2011, p. 41-60.

à cultura e à consciência históricas que se expressam para além dele.²⁵
(CARDOSO, 2008, P. 166)

A partir da análise do campo de pesquisa da Didática da História - CARDOSO²⁶; PAGÈS BLANCH²⁷ - percebo a importância de considerar a escola como um campo de observação e análise da formação dos jovens estudantes, na contemporaneidade, para pesquisas relacionadas à área de História, mas entendo que apesar disto é importante dialogar com as pesquisas em educação, comunicação e outras áreas afins, pois essas áreas possuem trabalhos que não podem ser ignorados. Para complementar o trabalho que desenvolvo relacionado à Didática da História, fui à Antropologia (André²⁸; Ezpeleta e Rockwell²⁹) buscar referenciais que me auxiliassem nesse trabalho de observação do cotidiano escolar, trabalho esse, complementado com a pesquisa participante no campo da educação - Campos³⁰.

A partir desta premissa é possível utilizar as aulas de História e a Internet como campo de observação para analisar como a consciência histórica está se desenvolvendo entre os jovens estudantes dos 7º anos do ensino fundamental das escolas de Uberlândia. Lembrando que conforme o conceito de consciência história problematizado por Cerri, a partir da leitura de Rüsen³¹, a consciência não é algo que deva ser alcançado, havendo um nível que separe os portadores de desta, dos não portadores; pelo contrário, consciência é algo inerente ao ser humano, o que diferencia cada indivíduo é a forma como cada um consegue relacionar experiências já vividas com o presente, para a partir disto pensar no seu agir social. Como fica evidente nesta passagem:

O que, em suma, o conceito de consciência histórica oferece para o ensino de história? Em primeiro lugar, afasta-se uma visão voluntarista e messiânica que, sob diferentes formas, proponha a “conscientização histórica” dos “sem-consciência” porque, como argumentamos, isso não existe (...). No quadro atual, com o que sabemos a partir das pesquisas empíricas que estão apenas em seu

²⁵ CARDOSO, O. *Para uma definição de Didática da História*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, nº 55, 2008, p. 166.

²⁶ Ibid.

²⁷ PAGÈS BLANCH, Joan. Reflexiones sobre algunos problemas teóricos y de método de la investigación en Didáctica de la Historia y de las Ciencias Sociales I .

Reseñas de Enseñanza de la Historia nº 9. APEHUN, agosto, 2011, p. 41-60

²⁸ ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

²⁹ EZPELETA, J. e ROCKWELL, E. *Pesquisa Participante*, São Paulo, Cortez/Autores associados, 1986.

³⁰ CAMPOS, M. M. M. *Pesquisa participante: possibilidades para o estudo da escola*. *Caderno de Pesquisa*. 1984, n.49, p. 63-66.

³¹ RUSEN, J. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. *Propuesta Educativa* - Flacso 4 (7). 1992, Buenos Aires: Miño y Davila Ed., pp. 27-36.

início, ensinar história considerando a consciência histórica é desenvolver atividades que permitam que o educando conheça história – de preferência a história que, de forma mais aproximada, seja sua história – ao mesmo tempo que conhece diferentes formas pelas quais se lhe atribuiu significado.³²

Problematizando ainda a relação traçada por Rüsen entre o ensino de História e a consciência histórica, Lucini, Oliveira e Miranda afirmam que para eles "*o Ensino de História é um dos fenômenos constituintes da consciência histórica*"³³, ou seja, o saber histórico escolar participa da constituição da consciência histórica, mas esta não se restringe a ele, pois também é formada em outros lugares sociais como na mídia, na Igreja, na família.

Por isso, em meu trabalho, não me detenho à formação histórica dos estudantes da educação básica exclusivamente na escola, mas a relaciono com a variedade de informações a que esses estão expostos em seu dia a dia. A partir desse enfoque, evidencio a relação que Ferreira³⁴ estabelece entre as tecnologias da informação com a aquisição de conhecimento, a qual ocorre consciente e inconscientemente. Para realizar essa análise constatei que seria importante traçar o consumo midiático cotidiano, por parte destes estudantes. De acordo com Ferreira³⁵ as tecnologias de informação abrangem meios midiáticos desde jornal e televisão, até a internet. Isso fica melhor explanado quando ele afirma que "*as tecnologias de informação vão desde as mais conhecidas como jornal, rádio, televisão, cinema, vídeo, fotografia, até as mais recentes como a informática, internet, lista de discussão, hipertexto, vídeo conferência, CD-Rom e DVD*". Contudo, com a infinidade de meios midiáticos que as tecnologias de informação possibilitam, optei por realizar um recorte no objeto de pesquisa, trabalhando exclusivamente com a utilização de computadores pelos estudantes em seu cotidiano, especialmente para o acesso a Internet.

O desenvolvimento desta pesquisa se iniciou no ano de 2010 e se estendeu até meados de 2013, dividido em duas etapas. A primeira etapa consistiu na pesquisa de campo realizada nas escolas, através da observação do cotidiano escolar e das aulas de

³² CERRI, L. F. *Ensino de história e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p 128 - 130.

³³ LUCINI, M.; OLIVEIRA, S.; MIRANDA, S. Na esteira da Razão Histórica: olhares e diálogos com a obra de Jörn Rüsen. In: ZAMBONI, Ernesta. *Digressões sobre o ensino de história: memória, história oral e razão histórica*. Itajaí: Ed. Maria do Cais, 2007, p. 24.

³⁴ FERREIRA, Carlos Augusto Lima. As novas tecnologias no ensino de História: e estado da arte. In: FERREIRA, Carlos Augusto Lima. *ENSINO DE HISTÓRIA Reflexões e novas perspectivas*. Salvador: Quarteto, 2004, p. 73 – 92.

³⁵ Ibid, p. 77.

História, aplicação dos questionários e aplicação do Grupo Focal - Gatti³⁶ -, com o objetivo de traçar o perfil socioeconômico e de consumo midiáticos dos estudantes do 7º ano do ensino fundamental. A segunda etapa consistiu no estudo pormenorizado de todo o material coletado e produzido na primeira etapa e a seleção e análise de produções discentes disponíveis em sites de compartilhamento de vídeos³⁷, a qual detalho ao longo dos capítulos 2 e 3.

1.2 Seleção dos colaboradores da pesquisa

Para um projeto desse formato, foi necessário escolher instituições de ensino que apresentassem as características necessárias para o trabalho de campo: escolas públicas e/ou privadas localizadas em bairros com diferentes perfis socioeconômicos, de preferência, que apresentassem turmas da segunda fase do ensino fundamental, com professores de História interessados em colaborar com o projeto, assim como a abertura da comunidade escolar para a efetiva realização da pesquisa.

A primeira escola selecionada e que aceitou colaborar com nosso trabalho foi a Escola Estadual 1³⁸, em seguida a Escola Estadual 2 também nos abriu suas portas; ambas foram incorporadas à pesquisa ao longo de 2010. Após a coleta de dados em escolas públicas estaduais, em 2011, os pesquisadores do projeto a que meu trabalho está vinculado perceberam a necessidade de levantar dados em uma escola pública municipal e outra particular para ampliar o perfil de consumo e apropriação dos conhecimentos disponíveis nos meios midiáticos pelos jovens estudantes de Uberlândia.

Para melhor compreender o porquê da seleção de cada escola enquanto campo de observação da pesquisa, apresento o perfil de cada uma destas.

A Escola Estadual I³⁹, localizada no setor central da cidade de Uberlândia⁴⁰, oferece turmas dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, e atende principalmente os moradores de bairros próximos que, segundo dados informados pelos alunos nos

³⁶ GATTI, B. A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Liber livro, 2005, 77p.

³⁷ trabalho especificamente com o site www.youtube.com.br

³⁸ Por uma exigência do Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia, chamarei as escolas trabalhas por nome fictício com o intuito de preservar a identidade destas. Por este motivo as chamarei de Escola Estadual I (EEI), Escola Estadual II (EEII), Escola Particular (EP) e Escola Municipal(EM).

³⁹ Por uma exigência do Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia, denominarei as escolas que participaram da pesquisa através de nomes fictícios com o intuito de preservar a identidade destas: Escola Estadual I, Escola Estadual II, Escola Particular e Escola Municipal.

⁴⁰ Informação retirada do site da Secretaria de Planejamento Urbano de Uberlândia, http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/1460.pdf, Acessado em 31 de julho de 2012.

questionários, são majoritariamente das classes D e E⁴¹. A escola conta com uma sala de informática, composta por 14 computadores com acesso à internet para uso dos alunos tanto durante as aulas quanto em horários alternativos; as salas de aula contam com um quadro negro como material de apoio pedagógico, todavia é importante salientar que um professor de História possuía seu próprio material audiovisual portátil (*datashow* e *notebook*), os quais levava para sala de aula como equipamento de apoio às suas aulas. A biblioteca conta com 1 aparelho de DVD, 1 aparelho de VHS, 1 TV e 1 aparelho de *Datashow*. Das turmas de 7º ano da escola, 89 alunos se dispuseram a participar da pesquisa, enquanto que os dois professores que lecionam nestas turmas também aceitaram colaborar, sendo desses um professor formado em História e especializado em educação, supervisão e docência do ensino superior, trabalhando 18 horas/aulas semanais nesta escola, e mais 16 horas/aula em uma faculdade particular da cidade; o outro professor é graduado em História e trabalha 12 horas/aula por semana nesta instituição, e não trabalha em outra escola.

A Escola Estadual II, localizada no setor central da cidade de Uberlândia, oferece ensino para as turmas dos anos finais do ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) e atende ao público dos bairros próximos, grupo esse majoritariamente das classes C e E. A escola possui duas salas de informática que não são abertas para os alunos e um laboratório multimídia, composto por datashow, telão, DVD e televisão; as salas de aula contam com um quadro negro como material de apoio pedagógico. Das turmas de 7º anos da escola, 82 alunos aceitaram participar da pesquisa; enquanto que dos cinco professores de História da instituição, três aceitaram participar: um professor possui pós-graduação em educação, não informou a sua carga horária semanal, e não trabalha em outra escola; outro professor é formado em História, possui mestrado em educação, trabalha 18 horas/aula semanais, e ainda é coordenador pedagógico em outra escola; o outro professor é formado em História, mestre em educação, trabalha 15 horas/aula semanais nesta escola, e não atua em outra instituição.

A Escola Municipal, está localizada no setor periférico da cidade de Uberlândia, oferece turmas dos anos iniciais e finais do ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), atendendo a um público que é majoritariamente pertencente à classe E. Possui um laboratório de informática com 34 computadores, todos com internet, fone de

⁴¹ Conforme classificação do IBGE, a classe **E** engloba famílias que recebem até dois salários mínimos; a classe **D** aquelas que recebem mais de dois salários mínimos até cinco; a classe **C** aquelas que têm rendimentos acima de cinco salários mínimos até 15; a classe **B**, mais de 15 salários mínimos até 30; e a classe **A**, engloba famílias que têm renda superior a 30 salários mínimos.

ouvido, impressora a laser e disponíveis aos estudantes, todavia o uso destes materiais é possível apenas no período de aula, nos horários predeterminados pela Laboratorista; as salas de aula contam com um quadro negro como material de apoio pedagógico. Dos alunos das turmas de 7º anos, 128 aceitaram participar da pesquisa..

A Escola Particular, localizada no setor periférico da cidade de Uberlândia, oferece turmas dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, ensino médio, e atende um público de diferentes partes da cidade majoritariamente da classe C. Nesta escola, há uma biblioteca composta por datashow, vários livros e dois computadores, que ficam disponíveis para uso dos alunos a qualquer horário, tanto para pesquisas escolares, quanto não escolares. Cada sala de aula desta escola é equipada com datashow, telão e CPU, mas nas aulas de Histórias estes equipamentos eram pouco utilizados. Das turmas de 7º anos da Escola 60 estudantes aceitaram participar desta pesquisa.

Nossa ideia inicial de investigar escolas com perfis distintos foi parcialmente atingida, pois as escolas, mesmo localizando-se em bairros distintos e sendo vinculadas a diferentes entidades gestoras, têm infraestrutura material e humana relativamente semelhantes. As três instituições públicas atendem mais aos alunos das classes D e E, enquanto que a escola particular atende a um público prioritariamente da classe C, e tal fato não nos gera surpresa, pois estudantes das classes mais abastadas, normalmente, estudam em escolas particulares. Contudo, a informação mais relevante que pôde ser observada a partir da análise do perfil das escolas é em relação ao acesso de alunos a computador e o acesso à internet, pois percebemos que esta característica não é exclusiva apenas à escola particular, que tem mais equipamentos, mas também duas das três escolas públicas; e vale resaltar que na escola pública que não permite acesso dos alunos a estas TICs⁴², não ocorre por falta de equipamento, mas por organização pedagógica e administrativa da escola.

1.3 A coleta de dados nas escolas

Para coletar informações sobre o cotidiano escolar, social e cultural de alunos e seus professores de História, a pesquisa foi dividida em três etapas, que consistiram na aplicação de um questionário com perguntas referentes ao perfil sociocultural desses alunos e professores⁴³; observações empíricas - André⁴⁴; Ezpeleta e Rockwell⁴⁵ - das

⁴² Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs.

⁴³ Não realizarei a análise dos questionários aplicados aos professores, pois este não é o enfoque das análises deste trabalho monográfico.

aulas de História, assim como da postura dos alunos no período dos intervalos entre aulas, para observar a presença de artefatos da cultura contemporânea; e, posteriormente, realizar fóruns de debates através da metodologia dos grupos focais, que possibilitou reflexões coletivas dos professores e alunos acerca de problemáticas levantadas a partir dos dados obtidos nas duas primeiras etapas da pesquisa, especialmente, aquelas relacionadas a relação entre sua formação histórica e seu consumo midiático.

A elaboração do questionário a ser aplicado nas escolas foi feita a partir de uma pesquisa para encontrar modelos de questionários que poderiam nos auxiliar na formulação do nosso próprio questionário, que tinha o objetivo de levantar o perfil sócio cultural dos alunos e professores da História das escolas pesquisadas. Fez-se um estudo detalhado nos questionários aplicados por Bernard Charlot⁴⁶ em sua pesquisa sobre as juventudes sergipanas à Secretaria de Estado do Combate à Pobreza e da Assistência Social, além dos questionários aplicados pelos pesquisadores do Peabiru em Campinas.

Formuladas as questões que seriam interessantes que os alunos e professores respondessem para podermos conhecer seu perfil sociocultural, a partir de abril de 2010, eu e os outros pesquisadores do projeto⁴⁷ fomos a campo conversar com os mesmos para explicar-lhes do que se tratava nossa presença nas próximas aulas de História e qual a finalidade do questionário que estávamos solicitando que eles respondessem. Após fazer todos os esclarecimentos necessários, aplicamos o questionário contendo quarenta e seis questões variando entre abertas e fechadas (anexo 1), as quais indagavam sobre suas opiniões em relação ao ensino de sua escola, especificamente, das aulas de História; sobre seu cotidiano fora da escola; seu consumo dos meios midiáticos, como televisão, computadores, acesso à internet, assim como gostos particulares em relação à música, leituras, atividades de lazer.

Vale ressaltar que foi disponibilizado o tempo de uma aula da disciplina de História, ou seja, cinquenta minutos, para que os alunos respondessem tal questionário, por isso houve quem não conseguisse efetuar a total resolução. Houve uma turma em particular que, devido a uma atividade da escola, a aula foi de apenas trinta minutos, o que acarretou a não conclusão de praticamente toda a turma. Por esse motivo tais

⁴⁴ ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

⁴⁵ EZPELETA, J. e ROCKWELL, E. *Pesquisa Participante*, São Paulo, Cortez/Autores associados, 1986.

⁴⁶ CHARLOT, B. *Juventudes sergipanas*. Aracaju: J. Andrade, 2006.

⁴⁷ Para desenvolver esta etapa da pesquisa contei com a colaboração de dois pesquisadores de Iniciação Científica e um pesquisador de Iniciação Científica Jr. Cada um ficou responsável pela seleção e aplicação dos questionários de uma escola.

questionários foram descartados, já que eles não eram identificados, logo não haveria como fazer a devolução para que os alunos pudessem terminar de respondê-los; e foi feita uma nova aplicação, essa num período de tempo total de cinquenta minutos. Na Escola Estadual I 89 estudantes do 7º ano preencheram o questionário. Na Escola Estadual II, 82 alunos responderam ao questionário. Na Escola Municipal, foram 128 estudantes e na escola particular, 60 alunos. Para aprofundar o entendimento dos dados coletados através da observação de campo e dos questionários, foram realizados fóruns de debates em cada instituição de ensino trabalhada, com a presença de aproximadamente 20 alunos e 2 professores por escola. Os alunos foram selecionados conforme seu perfil sociocultural construído através da análise de suas respostas presentes no questionário, selecionando a partir de respostas diferentes para os temas: sexo, gosto pela escola e pelo ensino de História, hábitos de leitura, de acesso à internet; e seu interesse em participar do debate.

Para desenvolver a etapa de observações empíricas da presença de equipamentos eletrônicos no período das aulas e os meios midiáticos nas relações de interação entre os alunos no período dos intervalos, fui ao campo da antropologia pesquisar sobre as formas de observações e postura do pesquisador observador. A antropologia é a ciência onde o homem estuda o próprio homem; e é a partir dessa disciplina que surge a observação empírica, baseada na pesquisa etnográfica como forma de se estudar um povo com características culturais diferentes. Eu, enquanto pesquisadora da realidade escolar, possuo como objeto de estudo a realidade de grupos juvenis pertencentes ao nível fundamental de ensino, mas não posso afirmar se tratar de um grupo com características culturais distintas, uma vez que esses jovens vivem experiências educacionais pelas quais eu já posso ter passado. Exatamente por isso prefiro afirmar que tenho como intenção observar a postura destes, inseridos na sua realidade escolar, assim como analisar como as mudanças comportamentais causadas pelos avanços tecnológicos/midiáticos contemporâneos têm influenciado na postura desses jovens. Todavia é importante lembrar que eu não sou uma antropóloga, tão pouco estou estudando para me tornar uma, estou apenas fazendo um breve estudo sobre os preceitos dessa disciplina, com ênfase no conceito das observações empíricas e da pesquisa etnográfica para embasar minha pesquisa de campo.

Como afirma Oldimar Cardoso há uma diferença entre o meu trabalho de observadora do cotidiano escolar e das aulas de História e o trabalho de um antropólogo que observa outros povos:

...O lugar da pesquisa de campo didático-histórica é o cotidiano das aulas de História ou de qualquer espaço de expressão da cultura ou da consciência históricas. Ao focar o cotidiano, ela adota procedimentos caros tanto à antropologia quanto à etnografia da escolarização, mas ainda que possa se apoiar em metodologias oriundas dessas duas áreas — e de muitas outras áreas, como a psicologia e a ergonomia —, ela não é uma pesquisa etnográfica, ergonômica ou mesmo uma investigação sobre o que se convencionou chamar de Didática Geral. A pesquisa didático-histórica não é o discurso de um antropólogo sobre um contexto familiar que ele precisa estranhar ou a crítica de um pedagogo à forma de organização das aulas do ponto de vista das ciências da educação. Ela é um discurso de um profissional da cultura histórica sobre essa mesma cultura, que tem um grande impacto, pois limita o seu diálogo com outras disciplinas em função da coerência entre elas e a cultura histórica....⁴⁸

O meu trabalho rompe com os métodos empiristas tradicionais a partir do momento em que decido fazer uso do método de pesquisa participante - Ezpeleta e Rockwell⁴⁹ -, que se caracteriza pela interação entre o pesquisador e os colaboradores da pesquisa, por reconhecer a impossibilidade da neutralidade do primeiro, já que sua mera presença no espaço escolar interfere na sua dinâmica.

Maria M. Malta Campos, em seu trabalho fala sobre as possibilidades da pesquisa participante no campo da educação, afirma

A maior parte das experiências de pesquisa que envolvem algum grau de participação na escola, no entanto, refere-se a aspectos específicos da ação escolar, mais especialmente à relação professor/aluno e a questões ligadas ao processo de aprendizagem.⁵⁰

Feita toda a preparação teórica necessária fui a campo realizar minhas observações empíricas no cotidiano escolar nas aulas de História dos 7º anos do turno da manhã, e nos intervalos das aulas, recreio, entrada e saída da escola, a procura de indícios da ausência ou presença dos artefatos culturais contemporâneos no cotidiano dos alunos, professores e nas atividades escolares. Assistimos às aulas, caminhamos pelo pátio, frequentamos a sala de professores, conversando com os alunos e professores sobre seu cotidiano dentro e fora da escola. Registramos anotações em diários de campo, as quais abordavam atitudes de alunos e professores que me

⁴⁸ CARDOSO, O. *Para uma definição de Didática da História*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, nº 55, 2008, p. 162.

⁴⁹ EZPELETA, J. e ROCKWELL, E. *Pesquisa Participante*, São Paulo, Cortez/Autores associados, 1986.

⁵⁰ CAMPOS, M. M. M. *Pesquisa participante: possibilidades para o estudo da escola*. Caderno de Pesquisa. 1984, n.49, p. 64.

chamaram a atenção, assim como a presença, tanto materialmente quanto em forma de comentários, de artefatos da cultura contemporânea, durante as aulas de história e nos períodos dos intervalos. Para aprofundar o entendimento dos dados coletados através da observação de campo e dos questionários, foram realizados fóruns de debates em cada instituição de ensino trabalhada, com a presença de aproximadamente 20 alunos e 2 professores por escola.

A realização dos fóruns em cada uma das quatro escolas investigadas desenvolveu-se de acordo com a metodologia dos grupos focais, baseada, conforme Gatti⁵¹, em alguns princípios bem definidos, como: os participantes envolvidos na pesquisa precisam ter a vivência com o tema em questão; o moderador do fórum e a equipe precisam se comprometer com o princípio da não diretividade, ou seja, não se deve opinar e tão pouco conduzir o fórum como se fosse uma entrevista; deve-se dar ênfase na interação, na multiplicidade de pontos de vista; a equipe deve fazer o uso da observação minuciosa de falas, gestos, olhares, interações verbais e não verbais e do registro criterioso destes durante todo o processo do fórum.

Essa “*dinâmica interacional*”⁵² privilegia alguns sujeitos participantes da pesquisa que compartilham de algumas características em comum, como se tratar de alunos dos 7º anos ou professor da disciplina de História das escolas pesquisadas, e que se prontificam a participar, previamente. No caso dos alunos, por contar com uma grande quantidade destes dispostos a participar, houve a necessidade de se fazer uma seleção a partir dos questionários que eles responderam no sentido de garantir no debate a presença de jovens com características socioculturais distintas.

O grupo focal funciona como um espaço de discussão discursivo/expressivo onde se possa “*captar*” convergências e divergências, contraposições e contradições sobre um tema específico - GATTI⁵³. Por ser uma metodologia de pesquisa em que o grupo deve se posicionar espontaneamente sobre um tema/problema, é importante que ela seja organizada a partir de uma dinâmica que motive a argumentação coletiva como assistir e debater um filme, discutir um texto ou um conjunto de questões problemáticas. Na análise dos dados coletados na dinâmica, a Gatti nos alerta para a necessidade de considerar que “(...) [os participantes do] *grupo focal* estão se expressando num contexto específico, em interações que são próprias daquele conjunto de participantes,

⁵¹ GATTI, B. A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Liber livro, 2005, p29.

⁵² Ibid.

⁵³ Ibid, p. 68.

*e por isso, os pontos de vista de cada um deles não podem ser tomados como posições definitivas.”*⁵⁴.

Seguindo esses princípios, desenvolvemos uma dinâmica que foi trabalhada nas quatro escolas investigadas. Em cada uma delas foram convidados/selecionados de 15 a 20 alunos para assistirem a um videoclipe com a duração de quase 8 minutos. O clipe continha oito cenas de filmes, documentários e animações, não organizados cronologicamente. Primeiramente foram projetadas cenas do documentário “11 de Setembro”, um documentário de 2002, que registraram o momento de pessoas pulando do prédio e as falas de quem estava na rua, procurando entender o que estava acontecendo. “Spartacus”, filme épico de 1960, na cena em que dois gladiadores lutam diante do César; “Independência ou Morte”, filme histórico de 1972, no momento do grito da independência; “Planeta do Tesouro”, uma animação futurista de 2002, na cena em que o personagem aparece desembarcando de uma nave espacial em forma de barco; “A Missão”, um drama de 1986, no trecho em que os europeus chegam a vila colonial trazendo indígenas acorrentados; “Quilombo”, um drama de 1984, na cena em que o escravo é castigado até a morte; “Tempos Modernos”, uma comédia de 1936, em que Charlie Chaplin caracteriza um operário alienado pelo trabalho repetitivo e comandado pela esteira de produção; “A Guerra do Fogo”, de 1981, em trecho em que homens de primeiras comunidades estão se escondendo de um felino em cima de uma árvore.

Essas cenas foram selecionadas pelos pesquisadores por retratarem diferentes tempos históricos, que representassem tanto o passado quanto o presente e o futuro, permitindo assim um diálogo entre diferentes tempos históricos que possibilitariam uma troca de ideias entre o grupo focal e o moderador em relação à formação histórica possibilitada por diferentes artefatos da cultura contemporânea. O moderador conduziria toda a dinâmica com a função de

... manter produtiva a discussão, garantir que todos os participantes exponham suas ideias, impedir a dispersão da questão em foco e evitar a monopolização da discussão por um dos participantes.⁵⁵

A dinâmica utilizada no fórum consistiu em, primeiramente, fazer um estreito esclarecimento aos presentes sobre o que se tratava a presença deles naquele local, assim como a função das filmadoras e gravadores presentes no recinto; apresentação de todos os pesquisadores presentes e esclarecimento de quaisquer dúvidas que os

⁵⁴ Ibid.

⁵⁵ Ibid, apud PIZZOL, 2003, p.34.

participantes pudessem apresentar. Na sequência foi apresentado o clipe histórico, com as cenas históricas selecionadas; ao término dessa atividade foi entregue para os alunos e professores participantes um formulário denominado “Quebra-cabeças histórico” (anexo 2), onde eles deveriam enumerar em ordem crescente, do mais antigo para o mais recente, os acontecimentos históricos nomeados em uma tabela (Roma antiga, revolução industrial, independência do Brasil, civilizações pré-colombianas, escravidão negra, era do gelo, revolução francesa,); mas enumerando apenas aqueles fatos presentes nas cenas apresentadas no clipe, deixando em branco aqueles acontecimentos não representados; esclarecendo, também, para os alunos que eles poderiam buscar a resposta em qualquer fonte de conhecimento possível, desde que essa estivesse na escola, com exceção dos pesquisadores ali presentes. Após o esclarecimento que não havia uma resposta correta, ou seja, a dinâmica aceitava diferentes respostas, teria início o debate sobre os resultados obtidos, durante o qual conseguimos coletar um rico acervo documental para nossa pesquisa. Conforme Gatti:

...a riqueza do que emerge “a quente” na interação grupal, em geral, extrapola em muito as ideias prévias, surpreende, coloca novas categorias e forma de entendimento, que dão suporte a inferências novas e proveitosas relacionadas com o problema em exame...⁵⁶.

Os grupos focais finalizaram a etapa de coleta de dados nas escolas e, posteriormente, teve início a segunda etapa da pesquisa, que consistiu na organização e análise dos dados levantados em cada escola, no cruzamento das informações coletadas em todas as escolas que participaram da pesquisa em nível local, o que será apresentado no próximo capítulo.

⁵⁶ Ibid, p. 13.

**REFLEXÕES ACERCA DA APROPRIAÇÃO DOS
MEIOS MUDIÁTICOS DIGITAIS PELOS JOVENS
DENTRO E FORA DA ESCOLA**

CAPÍTULO II

“... este novo século parece indicar um crescimento do papel das novas mídias na formação educacional dos cidadãos, ocupando espaços cada vez maiores dentro e fora da escola.” (Cerri, 2002)

Neste capítulo, apresento as reflexões feitas a partir da análise de algumas respostas do questionário aplicado aos estudantes de 7º anos das escolas trabalhadas, do fórum de debates, do diário de campo e dos registros fotográficos. Diante da grande quantidade e multiplicidade de dados coletados, decidi analisar aqueles relacionados ao consumo e apropriação dos meios midiáticos digitais, já que estes se revelaram como os que mais atraem os jovens na atualidade.

Este tema é polêmico, pois alguns pais e professores recriam a associação de estudo e internet, enquanto que este é muito citado pelos alunos, tanto nas respostas do questionário quanto dos fóruns de debates, afirmando que a internet é uma forma de diversão e auxílio para a realização de seus trabalhos escolares. A partir de análises feitas do material disponível, foi possível observar o quanto os jovens estão acessando a internet, o que procuram na rede, e como isso está afetando sua formação, enquanto alunos.

2.1 - O perfil cultural dos estudantes dos 7º do ensino fundamental de Uberlândia

A questão 1 indagava os jovens sobre a idade deles, a partir de uma pergunta aberta, com o intuito de observar qual a predominância etária nesta série. A partir da análise dos resultados tivemos a oportunidade montar o perfil etário dos alunos do 7º ano, apresentado no gráfico abaixo.

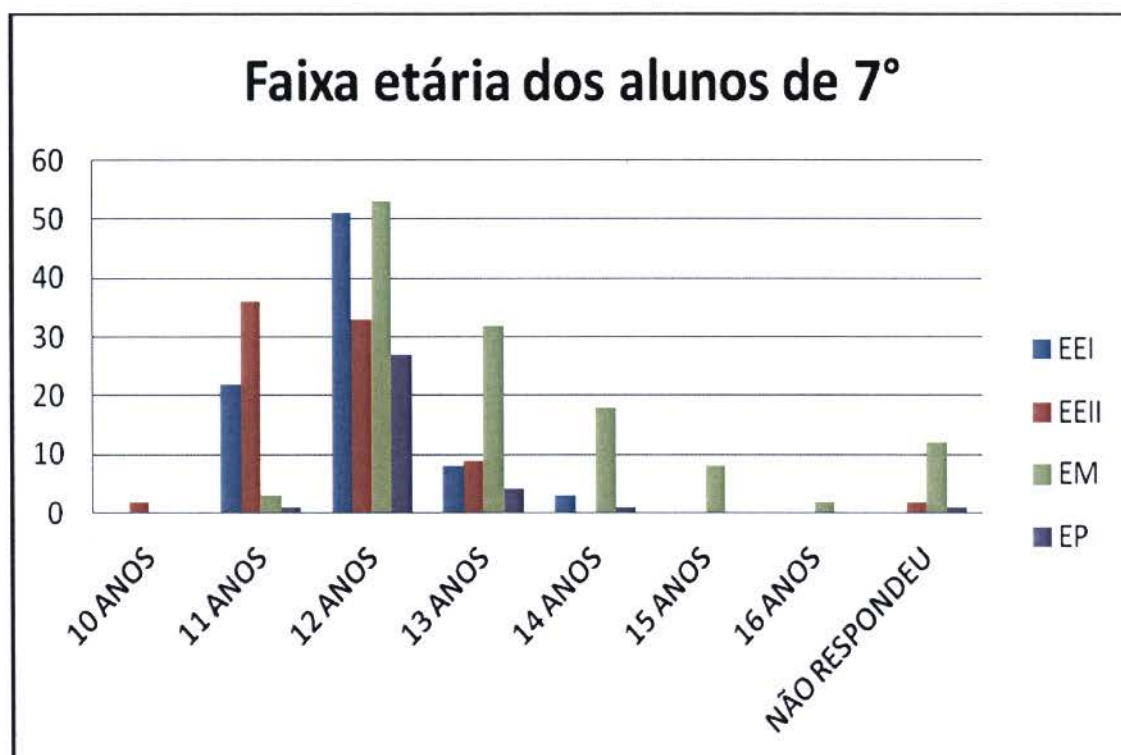


GRÁFICO 1: Faixa etária dos alunos do 7º ano do ensino fundamental.

Como fica evidente no gráfico 1, nas turmas de 7º anos os alunos estão inseridos numa faixa etária que vai de 10 a 16 anos, todavia prevalecem aqueles que têm entre 11 e 13 anos. Observando os resultados individuais de cada instituição de ensino vemos que não há uma grande variação no resultado, onde aqueles que merecem destaque é o fato de a Escola Estadual I e a Escola Estadual II, possuírem mais alunos de 11 anos, enquanto que a Escola Municipal e a Escola Particular possuem mais alunos com 12 anos. Todavia tal análise é apresentada para evidenciar que estamos trabalhando com jovens, pois como a Organização Mundial de Saúde afirma, jovens são aqueles inseridos numa faixa etária que vai de 10 a 19 anos de idade.

A questão 13 do questionário indagava os estudantes em relação aos meios culturais que esses mais utilizavam em seu cotidiano. Esta questão pedia que os estudantes apresentassem o grau de importância que tais meios tinham no seu dia a dia, variando de uma escala que ia de 0, para os insignificantes, a 5, para os mais importantes. Abaixo apresento a forma como esta questão se apresentava.

A pergunta 14 indagava sobre os meios culturais mais utilizados pelos estudantes no cotidiano escolar. Esta questão pedia que os estudantes apresentassem o grau de importância que tais meios tinham na sua rotina escolar, variando de uma escala que ia de 0, para os insignificantes, a 5, para os mais importantes. Abaixo apresento a forma como esta questão se apresentava.

Optei por analisar estas duas questões juntas por acreditar que dessa forma conseguiria, tanto analisar individualmente cada uma, como compará-las para refletir sobre as aproximações e distanciamentos entre o consumo dos meios culturais dentro e fora da escola, o que está sintetizado no gráfico 2.

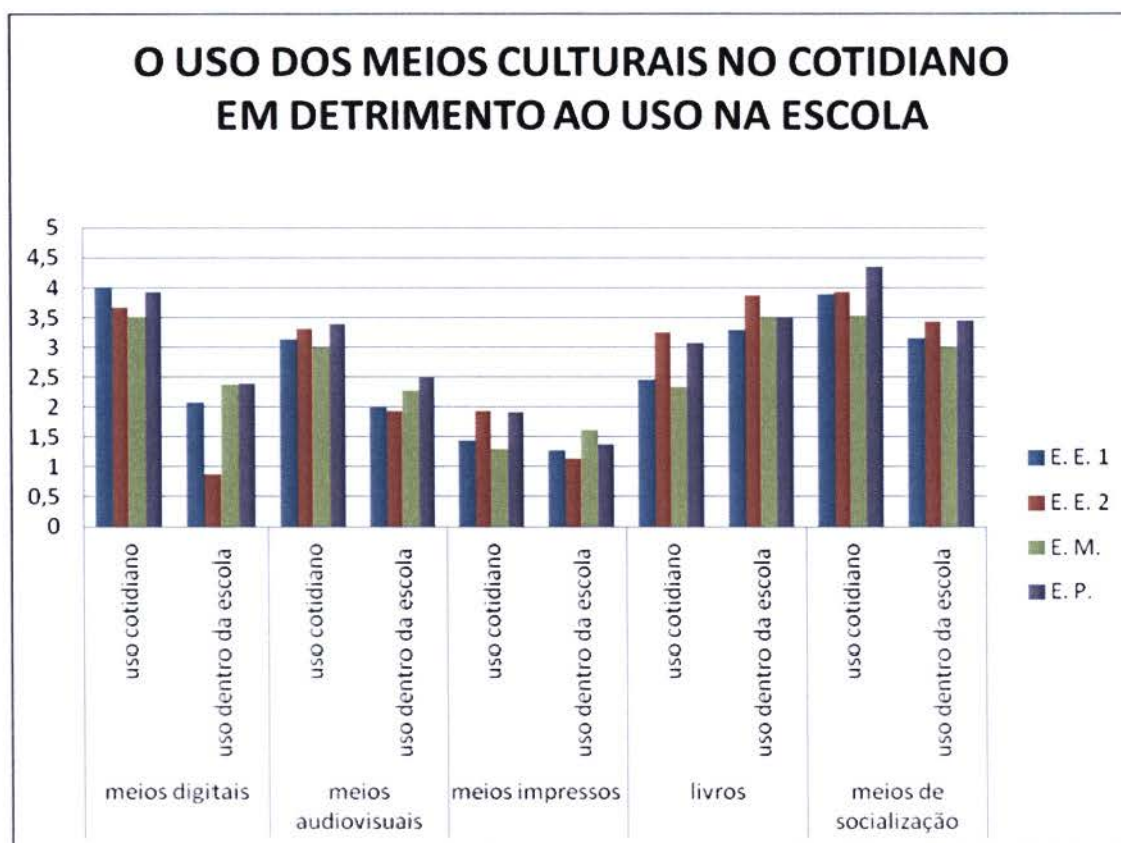


Gráfico 2: O uso dos meios culturais no cotidiano e na escola.

Para compor este gráfico optei por utilizar apenas alguns itens listados nas questões 13 e 14, pois são os que se aproximam mais do recorte deste trabalho. Dos meios culturais que os estudantes utilizam em seu dia a dia selecionei os itens cinema, televisão, jornais, revistas, livros, internet, jogos digitais; dos meios culturais utilizados na escola selecionei os itens filme, televisão, jornais, revistas, livros, internet, jogos digitais. Além disso, para facilitar a montagem do gráfico, agrupei estes itens a partir das características dos meios culturais: meios digitais (internet e jogos digitais), denominados desta forma devido ao fato de tais serem meios midiáticos digitais; meios audiovisuais (filme/cinema e televisão), assim chamados por se tratarem de meios caracterizados como tal; os meios impressos (jornais e revistas) contemplam os meios

que possuem esta característica; optei por criar o item livros⁵⁷ (livros didáticos) devido ao fato de este apresentar resultados bastantes distintos dos demais meios impressos, fato que podia influenciar e distorcer os resultados evidenciados no gráfico; os meios de socialização (os esportes e lazer) é assim denominado devido ao fato de tanto o esporte quanto o lazer serem entendidos como uma forma de socialização, tanto na escola quanto no cotidiano.

Construído o gráfico 2, o primeiro ponto evidenciado é referente aos meios digitais, e os resultados evidenciados por este não apresentam a mínima surpresa, pois o uso cotidiano destes, entre os jovens de todas as escolas pesquisadas, é claramente superior que o uso feito na escola. Este resultado não pôde ser constatado apenas a partir da análise do gráfico, mas é observado na própria escola, onde na sala de aula o que predomina é o uso de cadernos, canetas, quadros; enquanto que no recreio, quando não proibidos como na EE2, os alunos utilizam seus aparelhos celulares para ouvir música, se comunicar via mensagem de texto, jogar.

Além disso, percebe-se que na EE2 o uso dos meios digitais ainda é menor do que nas outras escolas. Este resultado pode ser justificado pelo fato, como já falei no capítulo anterior quando construí o perfil de cada escola, dessa ser a única escola que não disponibiliza acesso a computadores aos seus estudantes, pois o laboratório fica fechado e de acesso proibido aos estudantes.

Outro ponto visualizado no gráfico é o uso dos meios audiovisuais. Ao analisar o uso feito pelos estudantes na esfera cotidiana em relação à esfera escolar percebemos que entre os jovens de todas as escolas, estes meios são mais utilizados no cotidiano, e tal constatação é também percebida nas anotações dos cadernos de campo produzidos pelos pesquisadores, pois na maioria deles não há evidência de professores que relacionaram filmes, ou programas televisivos, aos conteúdos trabalhados durante a aula. Alguns alunos faziam referência a alguma produção deste estilo, e o professor relacionava este ao conteúdo trabalhado; entretanto a iniciativa do professor de relacionar estes gêneros à matéria não ocorre. No entanto, ao longo do período de observação o professor da EM levou os alunos para a midiateca com a intenção de passar um documentário para os mesmos.

⁵⁷ É importante destacar que os livros não foram agrupados nos meios impressos devido à grande presença dos livros didáticos na escola, principalmente nas escolas públicas, devido ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Contudo a presença do material impresso como importante complemento à aula não é inferior, quando comparado com as escolas públicas, pois nestas instituições é adotado o uso de apostilas.



Figura 1 - Aula na midiateca na EM.
Imagem produzida por pesquisadores Peabiru - Uberlândia, 2011

Em relação aos meios audiovisuais é possível perceber que a relação de apropriação feita pelos jovens é inferior à existente com os meios digitais, isso não é superpresos, pois por consumirem mais os meios digitais eles passaram a utilizar menos os audiovisuais em seu cotidiano. O uso desse na escola tem uma leve superioridade, e isso evidencia que a escola já se apropria de equipamentos tecnológicos, contudo as insituições de ensino são lentas para se abrir para as mudanças tecnológicas e de linguagem. Os meios audiovisuais estão mais presentes nela porque existem a mais tempo e os meios digitais ainda são um desafio.

Quanto aos meios impressos é notório que estes são os menos utilizados tanto na esfera cotidiana quanto na escolar. Os alunos da Escola Estadual 1, Escola Estadual 2 e Escola Particular afirmaram ter um maior consumo deste meio no seu cotidiano, enquanto que os estudantes da Escola Estadual 2 afirmam ter um maior consumo deste na escola. Contudo, neste ponto do gráfico, a questão relevante que merece destaque é o fato de os estudantes utilizarem pouco dos meios impressos, seja em seu dia a dia, seja na escola.

Os livros apresentaram resultados altíssimos, em todas as escolas, no uso deste no cotidiano escolar. Tal questão já era de se esperar, pois por mais meios tecnológicos que a escola possua, os pesquisadores perceberam ao longo da observação das realidades escolares, que os meios tradicionais de ensino, como livro didático, giz e/ou pincel e quadro, ainda são predominantes. Tal questão pode ser observada nas fotos das

aulas de História produzidas pelos pesquisadores do projeto. Mesmo na EP, que conforme pode ser observado na imagem 5, ter *datashow* instalado em cada sala de aula e CPU com leitor de DVD ao lado do quadro branco, a maioria das aulas se baseava na leitura dos textos da apostila e na resposta às questões de compreensão deste material escrito. Nas escolas públicas, como pode ser observado das fotos 2 a 4, os materiais manuseados em todas as aulas de História eram os livros didáticos e cadernos.



Figura 2 - Sala de aula da EEI
Imagem produzida por pesquisadores Peabiru - Uberlândia, 2010



Figura 3 - Sala de aula da EEII

Imagem produzida por pesquisadores Peabiru - Uberlândia, 2010



Figura 4 - Sala de aula da EM

Imagem produzida por pesquisadores Peabiru - Uberlândia, 2011



Figura 5 -Sala de aula da EP

Imagem produzida por pesquisadores Peabiru - Uberlândia, 2011

Os resultados apresentados para o uso cotidiano do livro também foram bastante expressivos, e este resultado sim me causou uma surpresa. Ao longo dos materiais analisados mais a frente perceberemos que os jovens afirmam preferir utilizar como fonte de estudos os meios midiáticos digitais, entretanto este resultado mostra que, mesmo sem preferir esta fonte, os estudantes ainda utilizam os livros como material de estudos em seu dia a dia.

Outra questão relevante neste momento de construção do perfil cultural dos estudantes é evidenciado pelas fotos produzidas ao longo da pesquisa. Nos intervalos entre as aulas era notório a relação de apego que os jovens têm com seus aparelhos celulares, isso era evidenciado pelo fato de muitos estudantes não largarem esses aparelhos ao longo do recreio. Isso fica bem evidente nas imagens dos estudantes nas escolas pesquisadas, dispostas abaixo (imagens 6, 7, 8). Não há imagem de nenhum estudante da Escola Estadual II portando celular devido ao fato de nessa escolar ser proibido utilizar esse aparelho, mesmo nos períodos extra classe.

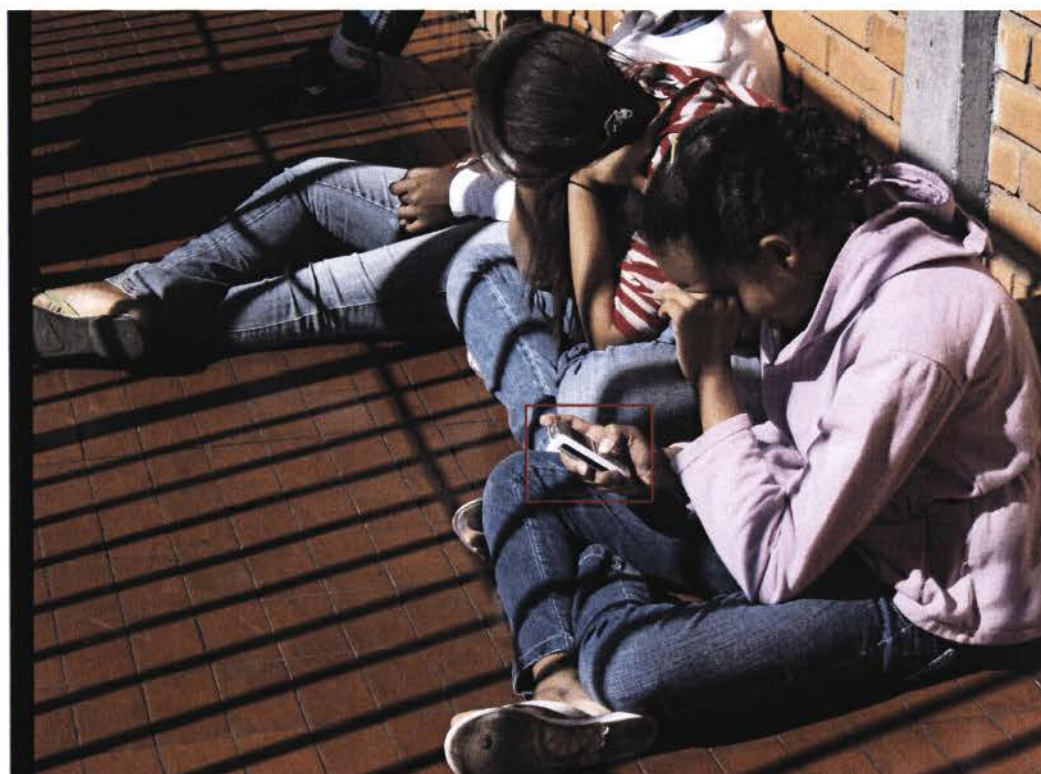


Figura 6 - Uso de celular no intervalo na EEI
Imagem produzida por pesquisadores Peabiru - Uberlândia, 2010



Figura 7 - Uso de celular no intervalo na EP
Imagem produzida por pesquisadores Peabiru - Uberlândia 2011



Figura 8 -Uso de celular no intervalo na EM
Imagem produzida por pesquisadores Peabiru - Uberlândia, 2011

A pergunta 23 do questionário, a partir de uma questão fechada, indagava os jovens sobre a quantidade de computadores que estes possuem em suas casas, possibilitando a eles 5 respostas diferentes, sendo estas: nenhum computador, um computador, dois computadores, três computadores, quatro ou mais computadores. A partir dos resultados obtidos com esta questão foi possível observar a posse, ou não, deste equipamento pelos alunos dos 7º anos, em cada instituição de ensino, resultado evidenciado no gráfico abaixo.

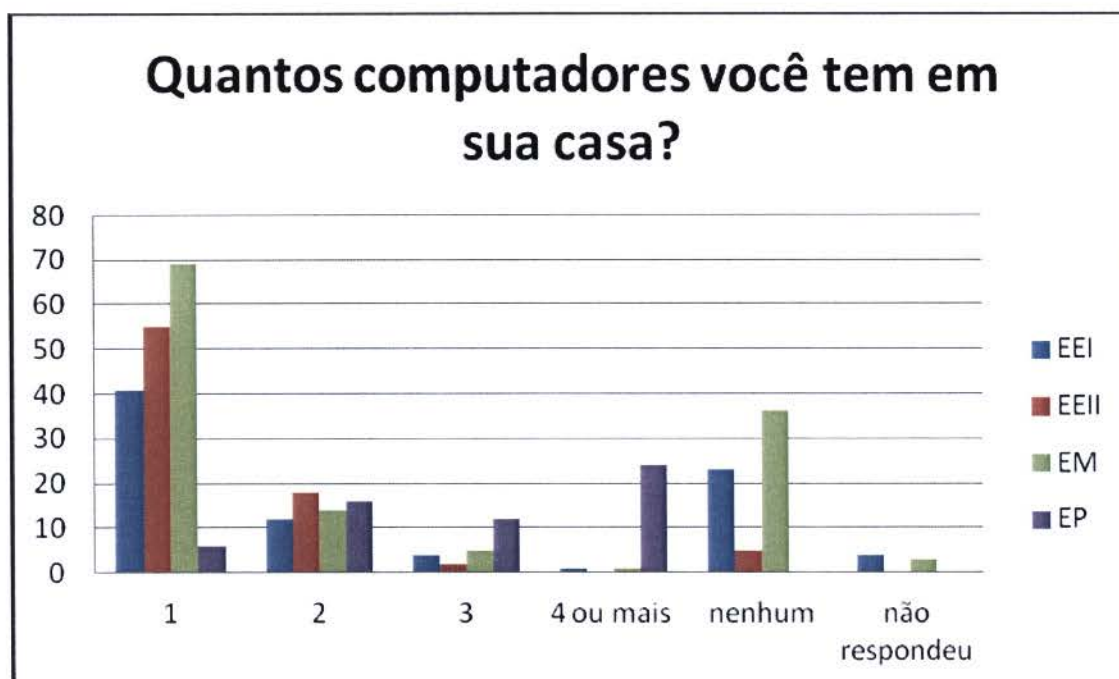


GRÁFICO 3: Quantos computadores os alunos do 7º ano firmam ter em casa.

Ao analisar o gráfico 3 observamos que a maioria dos alunos da Escola Estadual I, da Escola Estadual II e da Escola Municipal afirmaram possuir apenas um computador em casa, enquanto que na Escola Particular prevaleceu aqueles que têm quatro ou mais computadores em casa. Estes resultados não me geraram surpresa, pois como já apresentei no capítulo anterior, os estudantes da Escola Particular têm uma renda familiar superior à dos alunos das demais instituições de ensino, fato que legitima este resultado obtido a partir do gráfico 3. Contudo, a questão que deve ser ressaltada neste gráfico é o fato de, em todas as escolas, a maioria dos alunos possuírem um ou mais computadores em suas residências.

A questão 24 indaga os jovens, a partir de uma pergunta fechada, sobre o acesso destes à internet em casa, apresentando duas possibilidades de resposta, sendo estas o SIM e o NÃO. A partir desses resultados obtidos com esta questão foi possível observar o acesso, ou não, à internet em casa pelos alunos dos 7º anos, em cada instituição de ensino. Resultado evidenciado no gráfico abaixo:

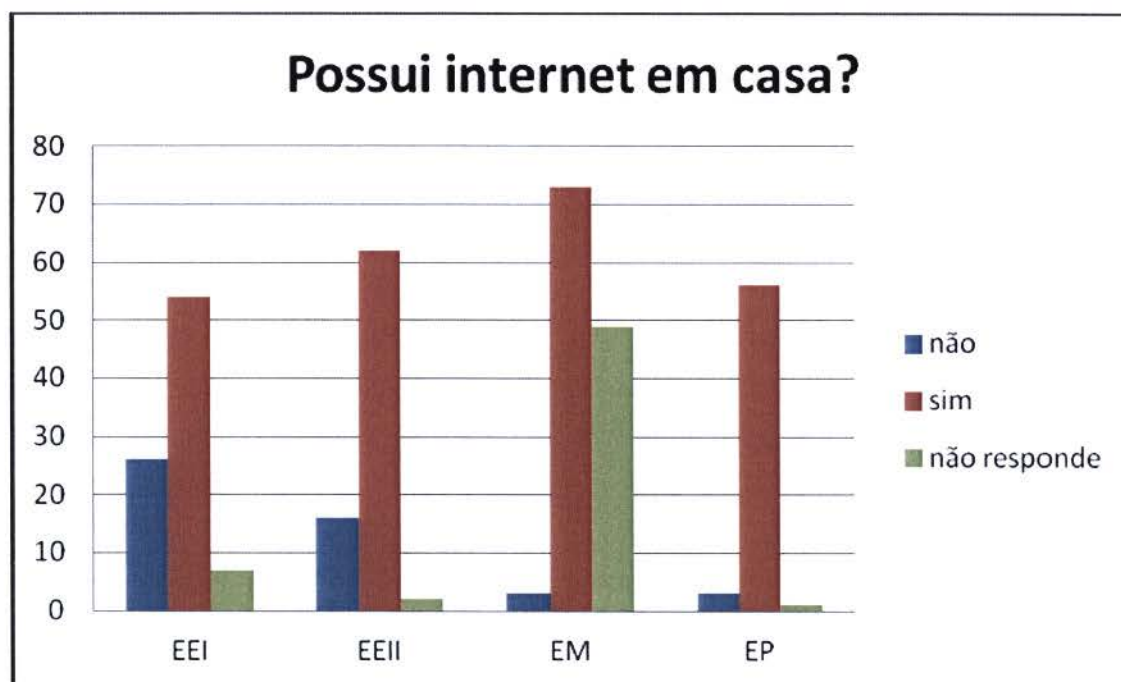


GRÁFICO 4: Possui, ou não, o serviço de internet disponível em casa.

O gráfico 4, ao revelar que a grande maioria dos alunos de todas as escolas possuem internet em casa, legitima as respostas apresentadas no gráfico 3, pois os a posse de um computador só possui sentido quando complementado com o serviço de internet. Outra questão relevante que este resultado apresenta é que, mesmo a internet sendo um serviço particular, e que deve ser assinado e ter seu pagamento efetuado mensalmente, é apresentado como complementar ao uso do computador, pois os resultados daqueles que afirmam possuir computador em casa se aproxima àqueles que afirmam contratar os serviços de internet.

A questão 25 do questionário, a partir de uma questão fechada, indagava os jovens que afirmaram não possuir os serviços de internet disponível em casa, o local onde eles acessam tais serviços, apresentando cinco possibilidades de respostas, que foram essas: *lan house*, casa de amigos, casa de parentes, escola, outros; e onde eles poderiam marcar mais de uma resposta. A partir desses resultados obtidos com esta questão foi possível observar os locais onde os alunos dos 7º anos que não possuem internet em casa, têm acesso a tal serviço, em cada instituição de ensino, resultado evidenciado no gráfico abaixo.

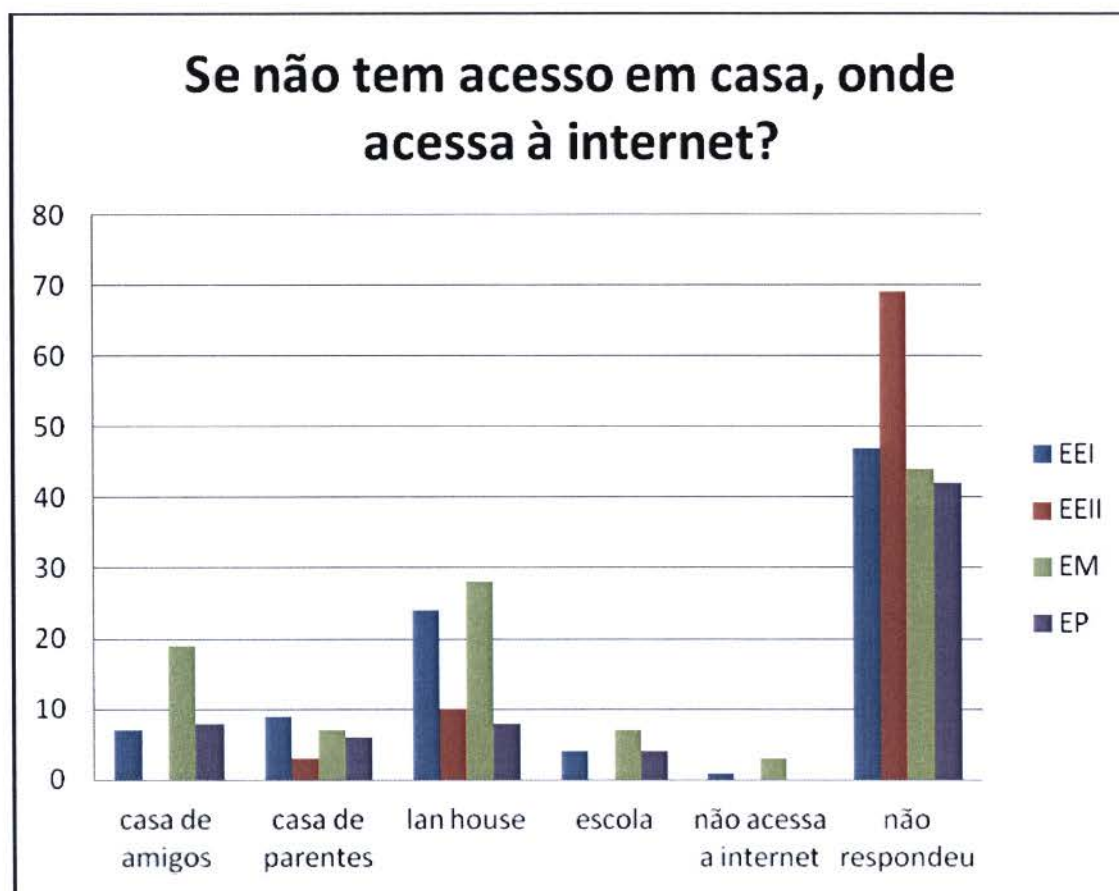


GRÁFICO 5: Locais onde os jovens que não possuem internet em casa vão buscar tal serviço.

O gráfico 5, produzido a partir das respostas da pergunta 25 do questionário, nos mostra que a maioria dos alunos optaram por não responderem essa questão, fato que legitima a questão anterior, onde a maioria dos estudantes de todas as escolas afirmaram possuir internet em casa. Observando as outras opções do gráfico, vemos que a opção de local de acesso à internet mais citada em todas as escolas é a *lan house*, fato que não gera surpresa, pois esse local tem primordialmente esta função; outra questão relevante deste gráfico é o acesso à internet na escola, pois os alunos da Escola Estadual I, Escola Municipal e da Escola particular, não coincidentemente três escolas que disponibilizam computadores para o uso de seus alunos, foram citadas como um local de acesso à internet, mesmo tendo sido a segunda menos citada, perdendo apenas para a possibilidade de resposta “não acessa a internet”; enquanto que no gráfico não aparece nenhuma barra que evidencie resposta dos alunos da Escola Estadual II, questão que pode ser justificada pelo fato de a escola não permitir que os alunos acessem os computadores da instituição.

A pergunta 26 indagou os jovens, a partir de uma questão fechada, em relação à frequência em que esses acessam a internet, possibilitando cinco respostas diferentes,

que foram estas: todos os dias, toda semana, todo mês, raramente, não acessa. A partir dos resultados obtidos com esta questão foi possível observar a frequência em que os alunos de cada escola se conectam à internet, resultados evidenciados no gráfico abaixo.

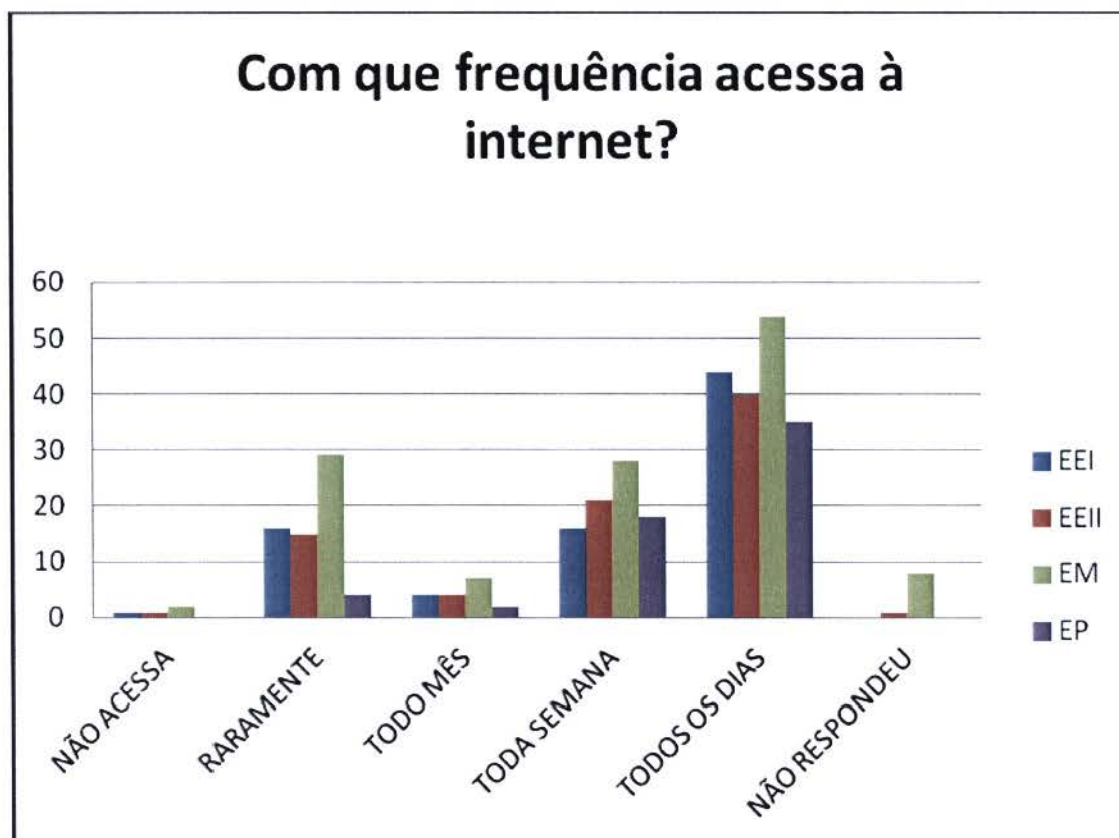


GRÁFICO 6: Com que frequência os alunos do 7º ano acessam a internet.

O gráfico 6, produzido a partir das respostas da questão 26 nos mostra que a maioria dos estudantes de todas as escolas observadas afirmam acessar a internet diariamente, outra questão evidente no gráfico é que o mínimo de estudantes, de todas as escolas, afirmaram não acessar à internet. Estes dados me remeteram a afirmação presente na obra de Vânia Zuim e Antônio Zuim: *“quando perguntamos a alguém se ela já se conectou hoje, o uso desse termo aduz a lei fundamental de uma nova ontologia: quem não se conecta não é percebido e, portanto, não existe, (...)”*⁵⁸ Em outras palavras, hoje, o acesso diário à internet e aos serviços disponíveis nela é uma forma das pessoas, os jovens nesse caso específico, se mostrarem para as outras como conectadas, logo se mostrarem vivas e ativas para as demais, pois para eles esse uso da internet hoje remete a uma existência num mundo cada vez mais dependente deste serviço.

⁵⁸ ZUIM, V. G. e ZUIN, A. A. S. Memória, Internet e Aprendizagem Turbo. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, Jul/Dez 2011, p. 232.

O gráfico 6 ainda evidencia que uma considerável parte dos estudantes das quatro escolas afirmaram acessar tal serviço toda semana, enquanto que uma outra considerável parte dos alunos da Escola Municipal afirmaram acessar à internet raramente. Tal questão pode ser justificada pelo fato de os pais considerarem tal atividade como recreativa, questão que abordarei melhor a partir dos resultados apresentados no gráfico 7.

A questão 27 aprofunda mais nesta problemática de tempo de acesso à internet, pois, a partir de uma questão fechada, indaga os jovens sobre quanto tempo estes passam conectados, apresentando as seguintes possibilidades de respostas: Até uma hora, de duas a três horas, de três a quatro horas, de quatro a cinco horas, de cinco a seis horas, mais de seis horas, não se conecta. A partir dos resultados obtidos com esta questão foi possível observar o tempo em que os alunos de cada escola passam conectados à internet, resultados evidentes no gráfico abaixo.



GRÁFICO 7: Quanto tempo os alunos de 7ª ficam conectados, por dia?

O gráfico 7 evidencia que os alunos, no geral, mesmo o gráfico 6 enaltecendo que a maioria entra diariamente na internet, esses não passam muito tempo conectados. A maioria dos alunos da Escola Estadual I e a grande maioria dos alunos da Escola Municipal afirmaram que utilizam este serviço por até uma hora por dia. Uma justificativa para este resultado, evidenciando que os alunos ficam conectados por tão

pouco tempo, seria o fato de os pais desses jovens não permitirem que seus filhos passem muito tempo acessando a internet, por associarem tal atividade à lazer e distração. Tal questão é apontada pelos autores Arruda e Siman, ao analisarem a relação dos jovens com os jogos digitais:

(...) o grande desafio da escola e dos professores reside no reconhecimento dessa linguagem midiática, na valorização do lúdico como processo autêntico de aprendizagem e no reconhecimento das estruturas cognitivas oriundas de tais tecnologias, para que ela possa criar espaços de diálogos com esse jovem e, inclusive, apresentar proposições, alternativas ao modelo direcionado para o individualismo e consumo. (...) O ponto de partida é o reconhecimento dos jogos digitais como artefatos culturais legítimos, pelos pais e professores.⁵⁹

Percebo que esta constatação a que eles chegaram, onde legitimam esse conhecimento que pode ser gerado a partir dos jogos digitais, também pode ser associada aos demais serviços disponíveis na internet, como sites de busca, por exemplo. Não estou aqui afirmando que tudo o que está disponível em tais sites é legítimo e tem que ser aceito como uma verdade incondicional, apenas estou afirmando que a grande quantidade de acessos que esses sites recebem de jovens que procuram respostas para seus trabalhos de escola, não pode ser ignorada. Caso os professores reconhecessem tal questão e auxiliassem os alunos sobre como se apropriar crítica e autonomamente desse conhecimento, eles poderiam contribuir para combater a alienação criada pelos sites que os professores tanto criticam.

Todavia a maioria dos alunos da Escola Estadual II e uma pequena maioria dos alunos da Escola Particular afirmaram se manter conectados pelo período de duas a três horas diárias, tal resultado pode ser justificado pelo fato de os alunos destas duas escolas terem sido os que mais afirmaram possuir mais de um computador em casa.

2.2 Qual a apropriação feita pelos estudantes da educação básica do material disponível na internet?

A pergunta 28 do questionário indagava os alunos, a partir de uma questão fechada, sobre qual o uso mais frequente que eles fazem da internet.

A partir das respostas da questão 28, obtidas em cada instituição de ensino, foi possível montar o gráfico abaixo.

⁵⁹ ARRUDA, E. P.; SIMAN, L. M. de C. Jogos digitais, juventude e as operações da cognição histórica. In: FONSECA, Selva Guimarães (Org.). *Ensinar e aprender História: formação, saberes e práticas educativas*. Campinas: Átomo & Alinea/ Fapemig, 2009.p.251.

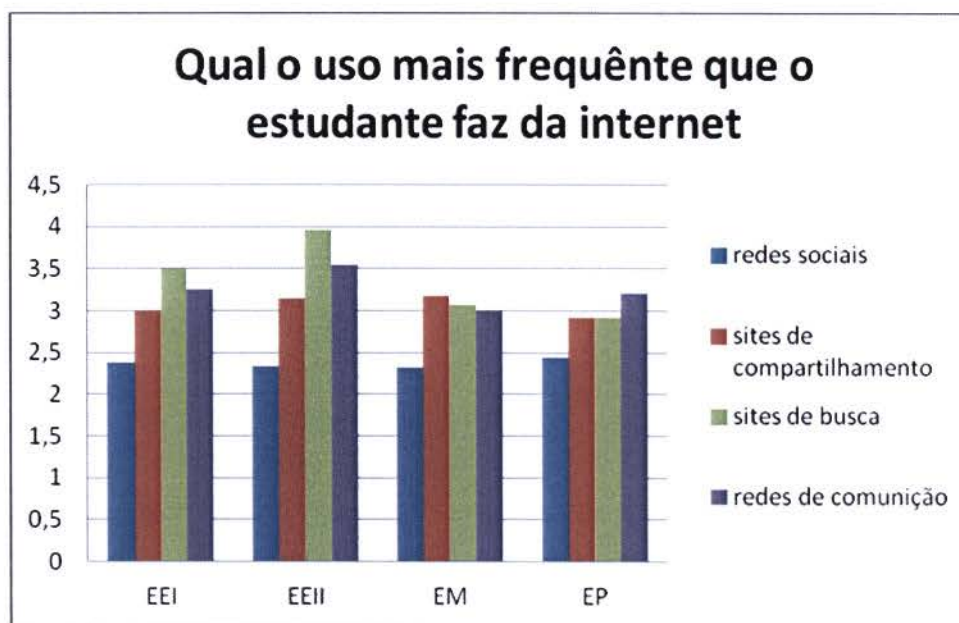


GRÁFICO 8: Quais as páginas os alunos de 7º ano mais acessam?

O gráfico 8 evidencia quais as páginas mais acessadas pelos alunos de cada escola, para facilitar a visualização das respostas apresentadas pelos alunos montei grupos, onde estão inseridos as possibilidades de respostas, a partir da característica de cada site. O grupo redes sociais, como o próprio nome já afirma, é composto por redes sociais que possuem como função a troca de informações pessoais atualizadas periodicamente, abrangendo facebook⁶⁰, formspring⁶¹, twitter⁶² e orkut⁶³; o grupo sites de compartilhamento é composto por sites que tem como intuito a postagem e visualização de informações audiovisuais e escritas sobre diferentes temas, e de autoria diversa, abrangendo youtube⁶⁴ e blogs⁶⁵; sites de busca é caracterizado por possibilitar que os internautas pesquisem as mais diversas questões, abrangendo todos os tipo de sites com tal característica, sem citar um em específico; redes de comunicação são

⁶⁰ Facebook é uma rede social lançada em 4 de fevereiro de 2004.

⁶¹ Formspring é uma rede social que permite que os usuários recebam perguntas de outros usuários, ou de pessoas não cadastradas, e cabe ao usuário optar por responder, ou não, às perguntas que recebe.

⁶² Twitter é uma rede social que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como "tweets"), por meio do *website* do serviço, que é encontrado em www.twitter.com.

⁶³ O Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de Fevereiro de 2006 com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. Tal site está disponível em www.orkut.com.

⁶⁴ YouTube é um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Foi fundado em fevereiro de 2005. Tal site está disponível em www.youtube.com.

⁶⁵ blogger é um serviço que oferece ferramentas para indivíduos publicarem textos na Internet, sem a necessidade de ter domínio técnico de programação ou software. Esses espaços individuais disponibilizados pelos bloggers receberam o nome de blogs.

aquelas que possuem como intenção proporcionar, principalmente, o diálogo entre duas ou mais pessoas, e neste quesito consideramos as opções msn⁶⁶ e e-mail⁶⁷.

Após esclarecer estas questões que conduziram a construção do gráfico 8, e facilitaram a compreensão deste, poderemos iniciar a análise do mesmo. Podemos observar que o receio dos pais quanto aos jovens ficarem muito tempo conectados à internet, apenas se divertindo, não se legitima a partir destas respostas, pois os sites de buscas foram os locais de acesso mais indicados pelos alunos da Escola Estadual I e da Escola Estadual II, enquanto que na Escola Municipal fica em segundo lugar, perdendo apenas para os acessos aos sites de compartilhamento, o mesmo ocorre nas respostas apresentadas pelos estudantes da Escola Particular, contudo esses afirmam acessar primordialmente as redes de comunicação.

Entretanto é importante trazer algumas informações obtidas nos fóruns de debates com o intuito de enriquecer esse debate, pois o fato de os alunos realizarem suas pesquisas nos sites de busca da internet, não necessariamente, quer dizer que eles estão aprendendo o conteúdo, de fato. Ao longo do fórum realizado na Estadual I surgiu um debate referente aos locais onde esses jovens buscam conteúdo para responder seus trabalhos escolares a serem realizados em casa. O mediador questionou aos jovens onde eles procurariam respostas corretas para suas possíveis dúvidas, e estes responderam que procurariam em sites de busca da internet, e foram mais específicos ainda ao citar o site Google como a primeira fonte que procurariam, seguido por um livro que trate do assunto, como fica evidente nessa passagem da transcrição da gravação do fórum realizados na Escola Estadual I:

(Mediador): Agora eu vou fazer uma outra pergunta olha só: Se vocês tivessem um tempo se não fosse assim eu entreguei a folha e vocês tiveram que preencher com o que veio na cabeça, se vocês tivessem tempo de fazer pesquisa sobre isso, tempo de pesquisar cada coisa que apareceu, cada nome que tem na tabela pra tentar assim fazer certinho aí, aonde vocês iriam pesquisar ou em que vocês iriam pesquisar?

(Aluno ou aluna): Internet

(Aluno ou aluna): Eu ia pesquisar nos livros de história.

(Mediador): Então vamos um de cada vez, você nos livros de história, você na internet. (...) E como é que você faria na internet, como você

⁶⁶ *MSN Messenger* é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O serviço nasceu a 22 de Julho de 1999, anunciando-se como um serviço que permitia falar com uma pessoa através de conversas instantâneas pela Internet. O programa permite que um usuário da Internet se relacione com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos "virtuais" e acompanhar quando eles entram e saem da rede.

⁶⁷ *E-mail* é um método que permite compor, enviar e receber mensagens através de sistemas eletrônicos de comunicação.

faria pra achar essas coisas na internet, como você faria aonde você iria pesquisar?

(Aluno ou aluna): No Google.

(Mediador): Vamos lá. Já falaram de livros, de Google na internet. Quê mais pode ser outro lugar, ou coisa, ou pessoa? Você procuraria o professor mesmo ou seria a última coisa que você buscaria?

(Aluno ou aluna): O professor seria a última.

(Mediador): E qual seria a primeira?

(Aluno ou aluna): Internet.⁶⁸

A partir disso é possível observar que no momento do fórum os alunos legitimaram os conteúdos disponíveis na internet e livros didáticos enquanto fonte de conhecimento; todavia quando instigados eles revelaram outras possibilidades, como alguns alunos que informam que livros disponíveis em bibliotecas são outra fonte possível, seus professores, mas que não é a preferência da maioria; tal fato legitima o debate em relação à preferência dos alunos em relação aos conteúdos transmitidos de forma rápida. Não que eles não legitimem o conteúdo de livros, pois como já percebemos a partir do gráfico 2, os estudantes ainda utilizam os livros como material de estudos em seu dia a dia; contudo, quando fora da sala de aula, eles afirmam preferir buscar informações a partir de fontes de acesso rápido e dinâmico, como sites de buscas. Nessas falas transcritas do fórum os alunos citam outros sites de buscas como Wikipédia e Yahoo.

Como Zuim e Zuim⁶⁹ afirmam, tal forma de busca de informações (de pesquisa) tem a preferência dos alunos, pois nela eles aplicam o dinamismo que aplicam em seus meios contemporâneos de distração como computadores, jogos de videogame. E defendem a necessidade de interferência por parte dos professores para frear essa velocidade acelerada do ensino, mostrando para os alunos o caminho da análise de todo o contexto histórico, que remete a um conhecimento mais profundo e analítico.

Minha intenção com esse trabalho não é questionar sobre os conteúdos disponíveis na internet, mas sim as formas de apropriação destes feita pelos alunos. Quando a mediadora indagou sobre a postura que tinham diante desses materiais disponíveis nos sites de busca, os alunos de todas as instituições trabalhadas demonstraram que leem superficialmente o material e, caso pareça adequado para sua a

⁶⁸ Essa são falas dos alunos da Escola Estadual 1 durante o fórum de debates. Para preservar a identidade deles será adotada a denominação de (Mediador) para se referir aquele que estava conduzindo o fórum e (Aluna/Aluno) para se referir a qualquer aluno que estava presente nessa dinâmica.

⁶⁹ ZUIM, V. G. e ZUIM, A. A. S. Memória, Internet e Aprendizagem Turbo. *Currículo sem Fronteiras*, v.11, n.2, pp.221-239, Jul/Dez 2011

atividade, eles o copiam da internet e colam como arquivo para, posteriormente, entregar ao professor sem qualquer modificação. Essa informação da forma de apropriação desse conhecimento apareceu em todos os fóruns, mas trago a transcrição do fórum da Escola Municipal, para evidenciá-la :

(Mediador) Quer dizer que vocês entram na internet pra conversar com os amigos. Vocês fazem pesquisas na internet?
(Aluno ou aluna) Faz.
(Mediador) Pesquisa escolar?
(Aluno ou aluna) É
(Mediador) E de história vocês já fizeram?
(Aluno ou aluna) Já
(Mediador) E o que vocês pesquisaram na internet de história?
(Aluno ou aluna) Escravidão no Brasil
(Mediador) E tem um trabalho de Escravidão no Brasil, como é que você fez pra achar essa informação na internet? Fala
(Aluno ou aluna) Eu vou no Google
(Mediador) Você vai no Google e faz o quê?
(Aluno ou aluna) ???
(Mediador) E vai aparecer o quê?
(Aluno ou aluna) Texto...
(Mediador) E apareceu um tanto de texto e imagem. Mas apareceu muita coisa, não foi? Como é que você escolheu?
(Aluno ou aluna) Eu imprimir em 3 folhas
(Mediador) Como é que você escolheu aquele tanto de coisa que apareceu lá
(Aluno ou aluna) Eu vi o que tinha a ver com a matéria
(Mediador) Você leu texto por texto? Você viu o que tinha mais a ver com a matéria e imprimiu?
(Aluno ou aluna) Eu copiava.
(Mediador) Você copiava aonde?
(Aluno ou aluna) No Word e imprimia
(Mediador) Você foi selecionando, copiando no Word e imprimiu, foi isso? E quando você imprimiu, você colocou de onde você tinha tirado essa informação? Ou você só imprimiu sem colocar o nome.
(Aluno ou aluna) Só imprimi⁷⁰

Quando o aluno não se preocupa em identificar a fonte, isso significa que esse não valoriza a autoria do texto como interferindo na interpretação histórica apresentada. Ou seja, ele despersonaliza e naturaliza a informação, como se ela fosse uma verdade inquestionável. Conforme Zuin e Zuim⁷¹ não seria papel do professor discutir esta questão da relação entre a autoria da fonte e a interpretação do fato histórico? Não posso afirmar de forma certa que o professor não fez esse debate, contudo a partir da

⁷⁰ Essa são falas dos alunos da Escola Estadual 1 durante o fórum de debates. Para preservar a identidade deles será adotada a denominação de (Mediador) para se referir aquele que estava conduzindo o fórum e (Aluna/Aluno) para se referir a qualquer aluno que estava presente nessa dinâmica.

⁷¹ ZUIN, V. G. e ZUIN, A. A. S. Memória, Internet e Aprendizagem Turbo. *Currículo sem Fronteiras*, v.11, n.2, pp.221-239, Jul/Dez 2011

postura dos estudantes diante da questão autoral é notório que, ou esse debate não foi feito ou ele não surtiu o efeito necessário, sendo preciso refazê-lo, talvez de outra forma.

Todavia apresento outra fala em que uma aluna da Escola Particular afirma não utilizar a cópia indiscriminada do conteúdo disponível nos sites de busca, pelo fato de entender que tal ação é errada, e afirma produzir seu trabalho a partir de uma gama de textos disponibilizados na internet, dos quais ela retira algumas partes, que somadas resultam no seu trabalho final, como fica evidente nesta transcrição do fórum, apresentada abaixo. Entretanto vejo necessário salientar que esta aluna foi a única a apresentar esta postura durante o fórum.

(Mediador) Peraí, deixa eu completar aqui, então tá você foi lá viu o comecinho, aí você entrou. O que você vai fazer com o texto que tá lá, com a informação que tá lá?

(Aluno ou aluna) Você lê e depois coloca no trabalho.

(Mediador) Você lê e depois o que você faz, como é que você trabalha com o que está escrito lá? Como é que você transforma aquilo em um trabalho para entregar para o professor?

(Aluno ou aluna) Coloco no Word

(Mediador) Você põe no Word e o que você? Ah Ctrl c , Ctrl v...

(Aluno ou aluna) Na verdade eu acho, eu coloco no Word, aí eu vou selecionando várias partes, eu pego o site, aí no final eu coloco porque se eu colocar de um site só eu vou tá pegando o trabalho que alguém fez e pôr o meu nome, aí tem que pegar de vários sites para eu montar meu próprio texto. Lá em casa tem um livro que tem pra cada assunto escolar, tem sites que são confiáveis buscar, tem História, Artes.⁷²

Em sua fala a aluna não apresentou nada que nos remeta que ela faça alguma análise crítica deste conteúdo que está colocando em seu trabalho, todavia o fato de ela ler o material disponível na internet, e procurar enriquecer seu trabalho com diferentes matérias evidencia que o conteúdo disponível em sites de busca podem não ser completamente prejudiciais à formação dos estudantes, pois o fato de esta ler vários textos comentando sobre o mesmo assunto faz com que ela adquira um maior conhecimento sobre tal. Não estou realizando um juízo de valores, sobre o que é melhor ou pior para a formação dos estudantes, apenas estou concordando com Arruda e

⁷² Essa são falas dos alunos da Escola Estadual 1 durante o fórum de debates. Para preservar a identidade deles será adotada a denominação de (Mediador) para se referir aquele que estava conduzindo o fórum e (Aluna/Aluno) para se referir a qualquer aluno que estava presente nessa dinâmica.

Siman⁷³ em relação à possibilidade de aprendizado dos estudantes com esses conteúdos virtuais.

A pergunta 29 do questionário nos fornece mais dados importantes para aprofundar nossas análises. Com o intuito de conhecer como e para que os estudantes dos anos finais do ensino fundamental utilizam a internet, foi solicitado aos jovens que marcassem, em uma escala de 1 a 5, as atividades que mais realizavam ao navegar na Internet, na qual 1 indicaria ações que eram menos realizadas e 5 as mais realizadas. Abaixo apresento a questão da forma como ela estava disposta no questionário, com o intuito de isto auxiliar na interpretação dos resultados.

O gráfico 8 sintetiza os dados coletados em cada instituição de ensino, e evidencia para que os jovens estudantes utilizam a internet

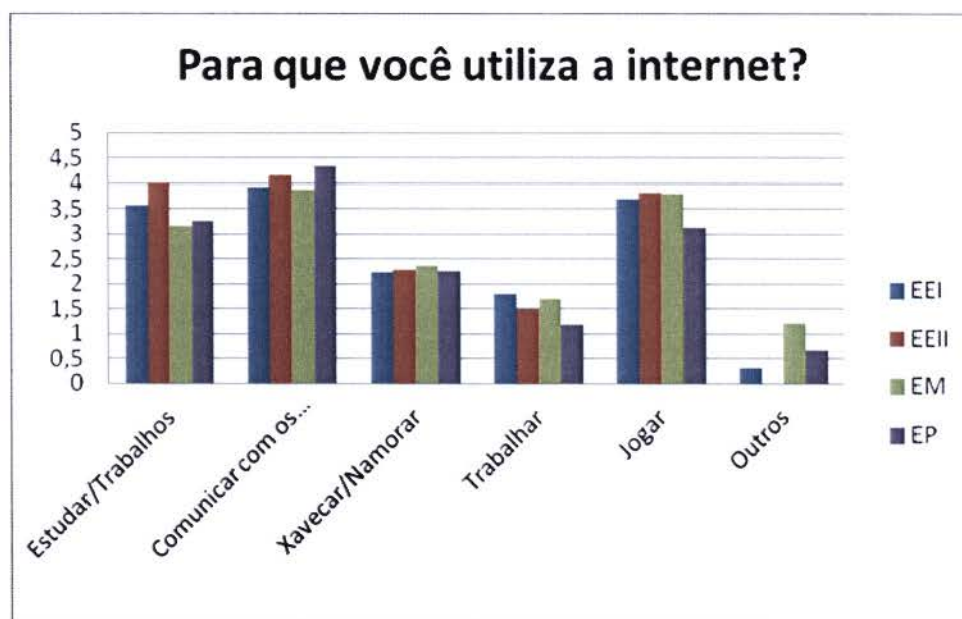


Gráfico 9: Para que você utiliza a internet?

O gráfico 9 evidencia que há uma convergência entre as respostas das escolas pesquisadas em relação a intenção dos jovens ao acessar à internet. Isto é, em todas elas, prevaleceram as respostas que afirmam que a Internet é acessada, principalmente, para possibilitar a comunicação com amigos e jogar. Ao contrário do que muitos pais e professores afirmam, este uso da Internet com a finalidade de distração e socialização,

⁷³ ARRUDA, E. P.; SIMAN, L. M. de C. Jogos digitais, juventude e as operações da cognição histórica. In: FONSECA, Selva Guimarães (Org.). *Ensinar e aprender História: formação, saberes e práticas educativas*. Campinas: Átomo & Alinea/ Fapemig, 2009.p. 231-252.

não é prejudicial para a formação dos jovens. Não apenas Arruda e Siman afirmam que esse lazer também pode ser positivo para a formação cognitiva dos jovens da contemporaneidade; também a historiadora Ramos, a partir de uma pesquisa que desenvolveu, percebeu que os sites de relacionamento onde os jovens vivem conectados são locais que abrem espaço para expressão e discussão de opiniões diversas sobre múltiplos assuntos e para construção de identidades e vínculos sociais. Segundo ela,

Mais do que uma lista de e-mails ou de nomes cadastrados em um site, uma comunidade virtual envolve a pretensão dos membros em participar voluntariamente, de se envolver, de expor ou trocar interesses, valores, projetos, entendimentos, percepções comuns. Adicionar uma comunidade no orkut, fazer parte dos fóruns, significa tornar públicas as ideias com as quais o usuário se identifica, fazendo com que este pense sobre si, sobre quem é, sobre aquilo que ama ou odeia, sobre o que faz ou não, sobre como se comporta em determinada situação.⁷⁴

É inegável que esses fóruns de debates ou comunidades virtuais, onde os jovens e todos os usuários de redes sociais se unem a partir de um tema em comum, mostram que eles podem não ser totalmente alienantes, como muitos pais e educadores consideram, pois os jovens podem, através delas, pensar na sua posição na sociedade em que vive e questionar o presente de seu país, fato que é o primeiro momento para indagações que auxiliam no interesse de um jovem pela História e pela participação cidadã.

No próximo capítulo, relacionarei este cenário mais geral do consumo da Internet pelos jovens com o processo de ensino e aprendizagem de História, a partir da problematização de um trabalho discente disponível no site *youtube*. Analisarei como os jovens utilizam este site de compartilhamento para socializar suas produções escolares, frutos da aula de História, e como estas produções possibilitam conhecer e caracterizar a consciência histórica dos estudantes, sua apropriação do conhecimento histórico veiculado nas mídias e na escola e a relação passado e presente estabelecida por esses estudantes da educação básica. Reflexões importantes para os professores de História pensarem como inserir o ciberespaço em suas aulas.

⁷⁴ RAMOS, Márcia Elisa Teté. Pensamento dos Jovens em Comunidades Virtuais sobre História e seu Ensino. In: CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora.. (Org.). *Educação Histórica: Teoria e Pesquisa*. Ijuí: Unijuí, 2011.p. 296.

**A MANIFESTAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE
ESTUDANTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL EM TRABALHOS ESCOLARES
DISPONÍVEIS NA INTERNET**

CAPÍTULO III

Eu falarei (...) de como a internet afeta a maneira de lermos e escrevermos a História e a maneira como experienciamos o processo histórico. (GINZBURG, 2010)

Neste terceiro capítulo pretendo apresentar análises de uma produção discente disponível na internet. A partir de um levantamento realizado no site www.youtube.com foi possível localizar produções midiáticas elaboradas e postadas por jovens da educação básica, de diferentes regiões do Brasil, nos quais problematizamos os vídeos disponíveis neste, assim como os comentários disponíveis abaixo do vídeo. Essas produções evidenciam a compreensão que estes estudantes têm sobre a história, dão pistas da consciência histórica e dos preconceitos que estes jovens carregam consigo. Mesmo tendo feito o levantamento de muitos vídeos (ANEXO 3), neste capítulo realizarei a crítica a apenas um.

Tal reflexão se mostra importante, pois a partir desta podemos evidenciar questões extremamente relevantes na construção do ensino de História. Uma delas é a postura pedagógica do professor ao solicitar aos seus alunos uma atividade avaliativa que consiste na síntese e apresentação de uma determinada temática histórica para toda a turma e, para a qual, os estudantes cada dia mais, têm utilizado os recursos da informática como o *Power Point* e o *Movie Maker* e informações coletadas na mídia digital, para produzir o que podemos chamar de um “material didático virtual”.

Outra questão relevante para a produção de tal análise é a observação da forma como os alunos apropriam-se das informações históricas disponibilizadas por diferentes fontes, de escritas a digitalizadas, e a partir daí produzem conhecimentos que são apresentados para seus colegas de turma e avaliados pela professora, assim como disponibilizados em sites de compartilhamento acessados por pessoas de diferentes lugares, que mesmo não conhecendo os produtores do material, postam comentários relativos ao seu conteúdo e forma, gerando debates que vão além do espaço da sala de aula e que apresentam indícios de consciências históricas que circulam socialmente.

Como já apontei no capítulo dois desta monografia, a maioria dos estudantes de 7º anos da cidade de Uberlândia utilizam sites de compartilhamento. Contudo a partir do levantamento de material discente disponibilizado na *web*, com destaque para o site www.youtube.com, local no qual foi realizado este levantamento, é possível perceber que tal característica não é exclusividade dos alunos uberlandenses, mas que contempla uma grande quantidade de discentes de todo o Brasil. As pesquisas realizadas por

Santos e Arruda⁷⁵, Smyl⁷⁶ mostram que essa apropriação de meios midiáticos contemporâneos está presente em diferentes localidades do Brasil. Essa relação traçada entre o saber sistematizado, tradicionalmente relacionado à escola, e a disseminação de um saber mosaico - MARTÍN-BARBERO⁷⁷ -, é problematizada por Ginzburg⁷⁸, em uma palestra que esse ministrou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e pelo antropólogo Martín-Barbero⁷⁹. Estes intelectuais realizam análises sobre a influência da internet na formação escolar dos estudantes, destacando essa como fonte de pesquisa, mas que também relacionarei na relação desenvolvida com a web como forma de autoria e divulgação de produções discentes. Estes autores guiaram as análises desenvolvidas ao longo deste capítulo.

3.1 Seleção e apresentação do vídeo

Antes de iniciar a análise do vídeo produzido pelos estudantes da educação básica preciso explanar sobre o desenvolvimento desta etapa da pesquisa, assim como apresentar os elementos que compõe este, para que o leitor consiga minimamente visualizá-lo, e as questões que abordarei.

A primeira providência tomada nesta etapa da pesquisa foi realizar o levantamento de produções discentes disponibilizadas no site *youtube*, lembrando que para o desenvolvimento desta contei com a colaboração dos pesquisadores envolvidos no projeto. O levantamento foi feito a partir da leitura do livro didático de História do 7º ano mais utilizado nas escolas em que a primeira etapa da pesquisa foi realizada, de autoria de Braick e Mota⁸⁰, para selecionar palavras-chave que guiaram o levantamento de vídeos no Youtube relacionados a temas históricos e produzidos por alunos na Educação básica em todo o Brasil. Salientando que não nos restringimos a selecionar os

⁷⁵SANTOS, B. L.; ARRUDA, E. P. Juventude e Jogos Digitais: Aprendizagens em História no mundo contemporâneo. Apresentação oral, X ENPEH, 2013.

⁷⁶SMYL, E. B. O. ESTUDO DE CONDUTAS DIGITAIS DE JOVENS ESTUDANTES POR MEIO DO PROJETO JOVENS E A HISTÓRIA. Aprendizagens em História no mundo contemporâneo. Apresentação oral, X ENPEH, 2013.

⁷⁷MARTÍN-BARBERO, J. Saberes hoje: disseminações, competências e transversalidades. In: RIBEIRO, A. P. G.; HERSCHMANN, M. (orgs.). Comunicação e História: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X, Globo Universidade, 2008. p. 237-252.

⁷⁸GINZBURG, C. História na Era Google. In: Fronteiras do pensamento, Porto Alegre: RS, 2010. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=QKdfsVBP20E>. Acessado em 21/10/2013, às 15:35.

⁷⁹MARTÍN-BARBERO, J. Saberes hoje: disseminações, competências e transversalidades. In: RIBEIRO, A. P. G.; HERSCHMANN, M. (orgs.). Comunicação e História: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X, Globo Universidade, 2008. p. 237-252.

⁸⁰Braick, P. R.; Mota, M. B. História - Das Cavernas ao Terceiro Milênio. Editora: Moderna, Categoria: Didáticos, 7º Ano, 2ª Ed, 752p.

vídeos produzidos por alunos dos 7º anos, mas de qualquer etapa de ensino. Foi realizada uma análise quantitativa dos vídeos encontrados no supracitado site, a partir de temas históricos, nível/modalidade de ensino dos estudantes que produziram o vídeo, cidade/estado onde se localiza a escola dos estudantes, tipo de escola (particular ou pública), existência de comentários postados no vídeo de *youtube* encontrado.

A partir da leitura da tabela (anexo III) produzida a partir do levantamento das produções discentes disponibilizadas no site *youtube* é possível notar que os estudantes não se preocupam em evidenciar em qual escola eles estudam, ou qual o ano do ensino estão cursando, assim como em qual cidade eles residem. Mas tal fato não diminui a relevância destes para caracterizar a consciência histórica de seus autores. Um ponto elencado na tabela que foi encontrado em muitos vídeos se refere aos comentários disposto abaixo do vídeo. Tal característica é importante de ser analisada, pois elas evidenciam a opinião daqueles que assistiram o material.

Optei por analisar o *Movie Maker* “Invasões Bárbaras”⁸¹, postado no Youtube no dia 15/09/2009, pelo usuário *williamanthony*s. Optei por trabalhar unicamente com este material devido às particularidades presentes nesses, pois este vídeo é repleto de elementos contemporâneos, e esses estão em tensão com o conteúdo histórico; a forma como o vídeo foi organizado, colocando o conteúdo histórico em meio a apresentações humorísticas; os autores se auto representaram de uma maneira autêntica, momento em que evidenciam elementos de suas personalidades; a soma de todos esses elementos formam indícios que, após uma leitura crítica, nos possibilita compreender os elementos formadores da consciência histórica destes jovens, ou melhor, como estes têm experienciado e representado a relação passado e presente em suas narrativas.

O vídeo tem duração de 3 minutos e 42 segundos e é composto por imagens que os alunos/autores selecionaram por as considerarem relacionadas à temática, e por frases criadas pelos alunos ou transcritas de outras fontes não identificadas, que sintetizam as informações que os autores consideraram importantes para explicar o conteúdo apresentado. Tais frases e imagens vão sendo apresentadas ao som de uma música que remete à ideia de dinamicidade e não apresenta um narrador. O trabalho foi produzido por cinco estudantes de uma escola denominada por eles *E.M.E.B Santa Rita de Cássia*, que não identificam qual ano estavam cursando. A localização exata desta instituição de

⁸¹ Andrei, Fernando, Matheus, Tamires e William. *Invasões Bárbaras*. Escola Municipal de Educação Básica Santa Rita de Cássia – turma 203 – História, 2009. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=UrIxgJ52mtc>. Acessado em 08/01/2012

ensino não foi encontrada nos registros da atividade, todavia, a partir de uma pesquisa na Internet⁸² pude identificar a escola como sendo uma instituição rural, localizada no município de Bom Jardim, no Maranhão.

3.2 Decupagem do objeto

O vídeo inicia com imagens do quadro “Bom dia, está no ar feiura dinâmica com Clô!”, do programa Pânico na TV, então transmitido pelo canal televisivo RedeTV.



Figura 9 – Cena do vídeo “Invasões Bárbaras”, a 26 segundos.

Aos 3 segundos, entra no cenário um dos humoristas do programa que representa o personagem “Clô”, o qual parodia o apresentador de televisão Clodovil Hernandes. Este caminha com uma postura que parece de um modelo no momento de um desfile, vestindo uma camisa rosa, terno e gravata. Sua entrada dura 24 segundos, e após um movimento de cabeça do humorista, sua imagem é substituída pela imagem de Clodovil Hernandes. Logo depois, volta a imagem do humorista dizendo “Meu amor quem pode, pode. Eu sou o número um. Fique com a gente que você não tem nada a perder. Fique com a gente que eu volto já.”

Aos 36 segundos é iniciada a apresentação da temática histórica a ser trabalhada, momento em que os estudantes optam por apresentar uma imagem

⁸² Informações obtidas nos sites <http://www.melhorescola.net/escola/emeb-santa-rita-de-cassia#dados> e <http://www.obmep.org.br/listaStatusCadastralEscolasMEC.DO?jsessionid=31F8703C06FE1F2D2379DBAE86F9B860?cityRegionId=210200802002>. Acessados em 29/10/2013, às 10:29.

tradicionalmente utilizada para evidenciar a temática trabalhada, complementada pelos dizeres “O ‘Bárbaros’ viviam à leste dos rios Reno e Danúbio”.⁸³

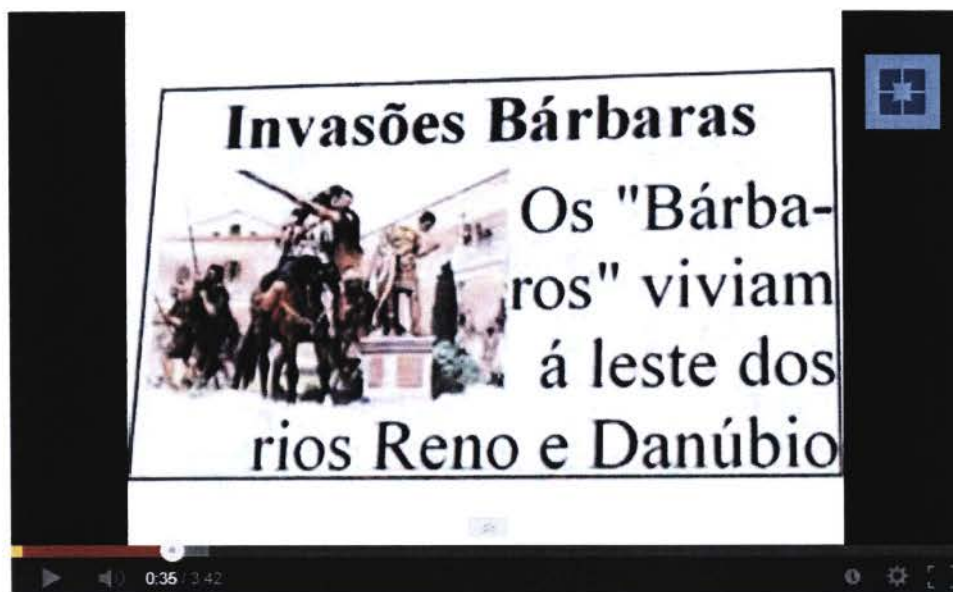


Figura 10 - Cena do vídeo “Invasões Bárbaras”, a 36 segundos.

Aos 45 segundos a imagem é alterada. Neste momento é apresentado um mapa que representa o deslocamento dos povos bárbaros pelo território que hoje compreende a Europa, complementado pelos dizeres “Os Bárbaros eram essencialmente guerreiros”⁸⁴.

Aos 53 segundos é apresentada uma imagem que se refere a um conflito armado e que os alunos intitularam de “Os bárbaros viviam em aldeias”⁸⁵, e ao lado da imagem está escrito “Não conheciam a vida urbana. Não dominavam o ‘latim’”⁸⁶. Em seguida, a 1 minuto e 2 segundos de vídeo é mostrada uma página do Orkut, na qual aparece o perfil de um jovem chamado Romano Ferraz legendada com a frase “não é esse Romano”⁸⁷.

Com 1 minuto e 8 segundos de apresentação aparece uma imagem de um exército à cavalo, com as armas em punho, acompanhada do texto “Os romanos referiam-se aos bárbaros como ‘vândalos’ tendo péssima reputação”⁸⁸. Em seguida,

⁸³ Andrei, Fernando, Matheus, Tamires e William. *Invasões Bárbaras*. Escola Municipal de Educação Básica Santa Rita de Cássia – turma 203 – História, 2009. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=UrIxxJ52mtc>. Acessado em 08/01/2012

⁸⁴ Ibid.

⁸⁵ Ibid.

⁸⁶ Ibid.

⁸⁷ Ibid.

⁸⁸ Ibid.

com 1 minuto e 22 segundos, aparece a imagem de uma infantaria armada, que parece marchar, em seus cavalos, em direção ao conflito. A imagem é sobreposta pelos dizeres “*Hunos. Comandados por Átila, eram os mais temidos*”⁸⁹. Posteriormente, à 1 minuto e 26 segundos, surge a imagem de um mapa com o título “*Mapa do Império Huno*”;⁹⁰. Em 1 minuto e 34, a imagem apresentada é substituída pela imagem de um homem, que aparentemente estava sendo entrevistado. Esse homem é um torcedor do Corinthians que ficou famoso na televisão, principalmente em programas de humor, devido à forma como falou “Ronaldo”, esses dizeres se tornaram um bordão da época. Acima desta imagem tem os dizeres “*As riquezas romanas atraíam os Hunos, e a partir do século II se estabeleceram nas fronteiras.*”⁹¹



Figura 11 - Cena do vídeo “Invasões Bárbaras”, a 1 minuto e 34 segundos.

A 1 minuto e 43 segundos aparece novamente uma imagem que remete à um conflito entre dois povos, complementada pelos dizeres “*Os Hunos começam a dominar o Império Romano no Século IV e pressionam os visigodos para que também ataquem o império.*”⁹², e à 1 minuto e 52 segundos, é projetada a frase “*ao longo do século V outros povos bárbaros como os Francos, por exemplo, vão criando seus reinos sobre as ruínas do que era o Império Romano.*”⁹³, sem a apresentação de imagens. Aos 2 minutos e 2 segundos é apresentado um mapa com a legenda “*Reinos bárbaros século*

⁸⁹ Ibid.

⁹⁰ Ibid.

⁹¹ Ibid.

⁹² Ibid.

⁹³ Ibid.

VI”⁹⁴. Aos 2 minutos e 9 segundo aparece a frase “*A religião nesta região era cristã*”⁹⁵, sem a apresentação de imagens. Em 2 minutos e 13 segundos surge a imagem de um personagem da Antiguidade, com postura de líder, a frente de um grupo de homens que parece ser seu exército; abaixo da imagem tem os dizeres “*E, 476, cai o ultimo imperador romano. É o fim do império;*”⁹⁶. Aos 2 minutos e 20 aparece apenas a frase “*A Europa avança agora, a Idade Média.*”⁹⁷



Figura 12 - Cena do vídeo “Invasões Bárbaras”, a 2 minutos e 19 segundos.

Aos 2 minutos e 23 segundos a apresentação do conteúdo histórico é encerrado, e retomada a exibição do Clô. Esse está sentado perante uma mesa, quando o telefone toca. Ao atender esse, é avisado que está chegando um fax importante, que ele deve ler. No momento em que a câmera direciona a filmagem para o aparelho de fax, é possível visualizar um porta retrato com a imagem de dois índios nus. Aos 2 minutos e 32 segundos é mostrado Clô esperando o fax chegar e no momento em que ele começa a ser impresso o apresentador fala frases humorísticas que remetem à sua homossexualidade: “*sai gostoso*”⁹⁸, “*Nossa que coisa mais apertada*”⁹⁹. Ao finalizar a leitura da mensagem o homem afirma que acabou de ser demitido ao vivo, fato que foi vivenciado pelo apresentador Clodovil, que foi demitido de seu programa ao vivo.

⁹⁴ Ibid.

⁹⁵ Ibid.

⁹⁶ Ibid.

⁹⁷ Ibid.

⁹⁸ Ibid.

⁹⁹ Ibid.

A partir de 3 minutos e 11 segundos até o fim do *Movie Maker* são apresentadas as fotos dos produtores deste material, as quais representam a personalidade dos estudantes, através dos objetos que eles seguram, das roupas que eles usam, da pose que eles fazem para serem fotografados. Neste trecho, a música é alterada, sendo substituída pela canção “O Amor e o Poder”, de Rosanah Fienngo (1987). A primeira foto é a do estudante André, que aparece na imagem fazendo um “bico”, como se mandasse um beijo para quem assiste à produção; a segunda foto é do Fernando, que aparece deitado na carteira da sala de aula, transmitindo a impressão que esse está dormindo durante a aula; a foto seguinte é do aluno Matheus que aparece segurando uma grande quantidade de notas de cinquenta reais; na sequência aparece a foto do rosto de Tamires em meio a outros alunos da escola, a próxima foto é de William que esconde seu rosto com o capuz da blusa. Por último aparece a foto de uma mulher identificada como Liane Müller. Esta, de idade superior à dos alunos, provavelmente, é a professora de História da turma. A foto é uma montagem na qual a professora aparece segurando uma caixa de sabão em pó e com uma legenda acima de sua imagem dizendo “A Deusa!”, palavra que compõem a letra da música que acompanha a apresentação das fotos.

3.3 Elementos da consciência histórica evidenciados no trabalho discente

A partir de uma primeira leitura do vídeo é possível perceber que, mesmo se tratando de um trabalho caracterizado pela sobreposição de imagens do passado e do presente, este apresenta a cronologia correta dos fatos a serem apresentados, enquanto atividade avaliativa da disciplina de História. Essa relação entre imagens do passado comprimidas entre imagens contemporâneas é importante para compreender a intencionalidade do grupo no momento em que produziram esse tipo de trabalho, pois essa apresentação de elementos contemporâneos, aparentemente sem a menor relação com os fatos históricos trabalhados, se justifica pela intenção de tornar a produção mais atrativa para os colegas de classe.

Nos primeiros 34 segundos da produção, assim como no recorte de 2 minutos e 23 segundos até o final do vídeo, são apresentadas cenas do programa *Pânico*, produzido e exibido pela Rede TV de 2003 a 2011, portanto veiculado no período em que o trabalho foi produzido. O programa é caracterizado por Marques, Fraga e Filho “como (...) de caráter humorístico e ter a criatividade e irreverência como principal

característica de seus quadros”¹⁰⁰., com comentários e piadas que rompem com os padrões do “politicamente correto” Bastian fez um trabalho de sopesar o mencionado programa humorístico, e ela afirma que

No Pânico na TV, o formato de programa de auditório se caracteriza, especificamente, por ser um programa de humor. A ideia original de liberdade de ação do programa de auditório é colocada em prática no programa analisado, quando o apresentador/conductor do programa faz questão de deixar transparecer um certo ‘jogo’ de tomada de decisão em relação ao roteiro, propriamente dito. Um programa que pretende provocar e divertir o telespectador e essa provocação começa pelo próprio nome (...). No caso do Pânico na TV, o que se pretende é despertar o riso. Os impactos do programa têm sempre repercussão imediata, um pânico construído e que espera resposta...

O programa apresenta uma espécie de “colagem” de outros programas, outras personagens, como se fosse um híbrido de mundos e formatos; do que já passou, ou ainda passa, pela TV; um lugar onde o palco é o picadeiro, ou vice-versa; onde personagens de diferentes programas, e de diferentes tempos televisivos, juntam-se para promover a ‘desorganização’ que o Pânico promove.¹⁰¹

A partir da leitura de Bastian é possível perceber como que os produtores do vídeo fazem uso desta ‘colagem’¹⁰² utilizada pelo programa Pânico na TV, pois ao longo da exibição dos trechos do personagem Clô, feito pelo humorista Wellington Muniz, eles o relacionam com o apresentador Clodovil Hernandes, do qual o personagem é uma caricatura.

Outra imagem descontextualizada utilizada pelos alunos em sua apresentação foi a escolhida para ilustrar o slide que caracteriza “*Os Romanos*”¹⁰³, à 1 minuto e 6 segundos do *Movie Maker*. Eles utilizam a página do perfil do *orkut* de Romano Ferraz, com a intencionalidade de fazer um trocadilho, presente nos dizeres escritos abaixo da imagem “*Não é esse romano*”¹⁰⁴.

¹⁰⁰MARQUES, M.; FRAGA, F.; FILHO, F. F. L. A Análise do Merchandising no Programa Pânico na TV. Encontro do Núcleo Gaúcho de História da Mídia- ALCAR/RS, 4., São Borja. Anais eletrônicos, São Borja:RS, ALCAR - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2012. p. 1.

¹⁰¹BASTIAN, Mariana. Pânico na TV: a (a) afirmação do circo midiático. In: Revista UNIrevista. Vol. 1, n.º 3. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2006, p.2.

¹⁰²Ibid.

¹⁰³ Andrei, Fernando, Matheus, Tamires e William. *Invasões Bárbaras*. Escola Municipal de Educação Básica Santa Rita de Cássia – turma 203 – História, 2009. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=UrIxxJ52mtc>. Acessado em 08/01/2012

¹⁰⁴Ibid.



Figura 13 - Cena do vídeo “Invasões Bárbaras”, a 1 minuto e 6 segundos.

Mesmo se tratando de imagens não relacionadas ao assunto trabalhado, a presença de tais cria uma narrativa baseada em uma linguagem informal e descontraída, para tornar o trabalho de História mais atraente aos olhos dos jovens estudantes, colegas dos autores do *Movie Maker*. Cerri analisa essa problemática, e afirma que essa necessidade de colocar elementos historicamente desvinculados ao conteúdo trabalhado no vídeo, nesse caso elementos contemporâneos, se justifica pelo fato de a forma como a História é trabalhada nas escolas, ele a coloca como algo distante da realidade destes jovens. Por este motivo entendo a necessidade que os produtores viram de colocar elementos contemporâneos em meio a elementos históricos, em seu trabalho. Tal questão fica evidente na passagem em que Cerri afirma que

A rejeição de muitos alunos em estudar história pode não ser somente uma displicência com os estudos ou uma falta de habilidade com essa matéria, mas um confronto de concepções muito distintas sobre o tempo, que não encontram nenhum ponto de contato com o tempo histórico tal com aparente na narrativa de caráter quase biográfico das nações ou da humanidade¹⁰⁵.

Entre as imagens selecionadas pelos alunos para representar diretamente o assunto histórico abordado, encontram-se aquelas que ilustram batalhas referentes aos bárbaros invadindo Roma, mapas históricos. Apesar dos alunos não identificarem autor e fonte das imagens, a partir de uma pesquisa em um site de buscas, utilizando as

¹⁰⁵ CERRI, L. F. *Ensino de história e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 17.

palavras chaves “bárbaros”, “império Huno”, “fim do império romano”, foi possível encontrar algumas delas, o que revela que os alunos produziram seu trabalho através da prática de recortar e colar informações encontradas na Internet.

As imagens são disponibilizadas ao longo da produção com a única função de ilustrar o assunto trabalhado, pois sua relação com a frase disposta ao seu lado não é explicada e nem problematizada ao longo da apresentação. Tal postura mediante o uso de imagens não é exclusividade de estudantes da educação básica, mas um problema que permeia trabalhos da área das ciências humanas, em diferentes níveis. Leite trabalha com essa questão ao afirmar que

Em sua utilização nas ciências humanas, as relações entre o texto visual e o verbal ocorrem de maneiras muito diferentes, que ainda estão por ser explicitadas e analisadas em conjunto. (...) Os textos visuais, associados com maior frequência ao contexto artístico e social, ficaram relegados à condição de ilustração dispensável ou superlativa.¹⁰⁶

Tal fato fica ainda mais evidente quando essas imagens se tratam de mapas, pois esses não apresentam escala, legenda, referência em relação à quais países aquelas localidades representam na atualidade, muito menos análises dos avanços e retrocessos das conquistas territoriais representadas cartograficamente.

Essas imagens são associadas a um texto de apoio bastante limitado, com frases curtas que vinculam-se a uma noção de história linear, fatual, produzidas a partir de um pensamento que reduz os fatos históricos às ações de causa e consequência, sem considerar a complexidade do contexto histórico que permeia aquele momento. Frases como: “*Os bárbaros eram essencialmente guerreiros (...) Não conheciam a vida urbana. Não dominavam o Latim. (...) Os Hunos começam a dominar o Império Romano no século IV e pressionam os Visigodos para que também ataquem o império.*”¹⁰⁷ Ao ler essas frases dispostas ao longo do *Movie Maker* é notória a sensação de que essas foram retiradas de materiais didáticos de uma forma fragmentada e indiscriminada, fato que faz com que essas percam seu sentido original.

Contudo essa forma de seleção do material apresentado ao longo do vídeo não pode ser totalmente criticada, pois essa postura mediante as fontes não é exclusividade

¹⁰⁶ LEITE, M. L. M. Texto visual e texto verbal. In. FELDMAN- BIANCO, Bela; LEITE, M. L. M. (orgs) *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, SP: Papirus, 3ª Ed., 2004, p. 39.

¹⁰⁷ Andrei, Fernando, Matheus, Tamires e William. *Invasões Bárbaras*. Escola Municipal de Educação Básica Santa Rita de Cássia – turma 203 – História, 2009. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=UrxgJ52mtc>. Acessado em 08/01/2012

destes estudantes, mas da geração à qual esses pertencem. Geração caracterizada pelo uso do saber mosaico (MARTÍN-BARBERO¹⁰⁸). Essa forma de construção de um trabalho escolar é muito importante, pois nos evidencia a forma como estudantes dos anos finais do ensino fundamental entendem o conhecimento histórico e, mais que isso, a forma como estes acham que o conhecimento deveria ser apresentado para se tornar mais atraente. A partir da leitura de Martín-Barbero¹⁰⁹ observamos que essa análise nos ajuda a entender quem são esses estudantes, e quais as inquietações que eles trazem em relação à disciplina História. Martín-Barbero afirma que

A educação tem que lidar com o seguinte sujeito: um adolescente cuja experiência de relação social passa cada dia mais por sua sensibilidade, por seu corpo já que é através dele que os jovens – que falam muito pouco com seus pais – estão dizendo muitas coisas para os adultos, por meio de outros idiomas: os rituais do vestir-se, do tatuar-se, do enfeitar-se ou de emagrecer, segundo os modelos de um corpo que a sociedade propõe por meio da moda e da publicidade.¹¹⁰

A partir disso é possível perceber as imagens e frases sem indicação de fonte, como indícios da formação histórica desses estudantes. Eles veem o conhecimento histórico com algo dado e posto, sem uma autonomia interpretativa, e não como uma construção histórica e social. Eles não evidenciam ter uma relação crítica com o conhecimento histórico. Isto nos permite também observar que os alunos não conseguem estabelecer vínculos entre passado e presente. Eles comprimem o passado histórico, apresentado de forma factual, por imagens caricaturais de personagens do presente, como o Clô e os próprios alunos e a professora, que não apresentam nenhuma relação com o período e os personagens das "invasões bárbaras".

Além disso, fica evidente que a história parece tão desinteressante para estes estudantes que, para tornar seu trabalho mais atrativo para os colegas, eles optam por relacionar e dar prioridade a elementos contemporâneos a eles, mas que em nada se relacionam à disciplina de História, do que para o próprio conhecimento histórico.

Porém, também é possível perceber traços de consciência histórica destes alunos nos recortes que eles optaram por apresentar ao longo do trabalho, que vai desde as

¹⁰⁸ MARTÍN-BARBERO, J. Saberes hoje: disseminações, competências e transversalidades. In: RIBEIRO, A. P. G.; HERSCHMANN, M. (orgs.). Comunicação e História: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X, Globo Universidade, 2008. p. 237-252.

¹⁰⁹ MARTÍN-BARBERO, J. Saberes hoje: disseminações, competências e transversalidades. In: RIBEIRO, A. P. G.; HERSCHMANN, M. (orgs.). Comunicação e História: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X, Globo Universidade, 2008. p. 237-252.

¹¹⁰ Ibid, p. 240.

cenar, passando pelo texto e chegando à trilha sonora. O fato de eles apresentarem uma narrativa linear dos fatos a partir de uma visão hegemônica dos romanos; a trilha sonora que nos remete a um momento de tensão; as imagens apresentadas que ficam muito presas a uma visão estereotipada dos bárbaros como meramente guerreiros. Outra questão relevante evidenciada no trabalho é o fato de os temas relacionados às guerras, às batalhas, aos jogos de videogame serem aqueles que mais atraem a atenção e o interesse dos alunos. E não posso deixar de comentar sobre a escolha do personagem Clô, do programa Pânico na TV, que é uma forma de estereotipar os homossexuais. Enfim, traços que apontam para uma consciência histórica baseada no preconceito e hierarquização cultural, apesar de toda a política educacional voltada para a valorização e respeito à diversidade cultural.

3.4 A interação dos internautas: uma análise dos comentários postados

A partir da problematização deste material podemos aprofundar a análise em relação à consciência histórica dos jovens, pois além de evidenciar o perfil dos jovens produtores do vídeo, também evidencia a postura de outros estudantes em relação à forma como o trabalho escolar foi produzido. Isso é possível a partir da leitura analítica dos comentários dispostos abaixo do vídeo:

João Quartieri 3 anos atrás

pqp o tema é legal mas vcs estragaram o bgf fazendo bobagens... tinha q ser de colégio publico mesmo pqp... quanta baianagem !

williamanthonys 3 anos atrás

Faz melhor :D

João Quartieri 2 anos atrás

Faço sem o menor problema, só to esperando minha professora mandar eu fazer um trabalho sobre isso !

williamanthonys 2 anos atrás

Ficarei esperando, uma pena que você não tenha nem ao menos feito um trabalho sobre este assunto.

Agora volte para sua pokebola e fique calado.¹¹¹

João Quartieri é um jovem estudante que comentou sobre a produção discente disponibilizada na internet, e Wilianmanthonys é um dos estudantes produtores do vídeo. Como podemos perceber o primeiro critica de maneira geral, sem entrar em um

¹¹¹ Andrei, Fernando, Matheus, Tamires e William. *Invasões Bárbaras*. Escola Municipal de Educação Básica Santa Rita de Cássia – turma 203 – História, 2009. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=UrIlgJ52mtc>. Acessado em 08/01/2012

debate histórico, a qualidade da produção, enquanto que o segundo defendeu seu trabalho de forma superficial e acusatória. Esta postura nos remete ao trabalho desenvolvido por Ramos¹¹², quando esta afirma que a participação dos jovens em fóruns de debates, e estendo para os comentários disponíveis abaixo deste vídeo, é importante para evidenciar a postura destes mediante determinado assunto. E é exatamente isso que ressaltamos neste momento.

Podemos perceber que ambas as falas são impregnadas de estereótipos. João Quartieri expressa claramente o preconceito em relação às escolas públicas ao falar que o trabalho foi mal feito devido aos estudantes produtores desse serem alunos da supracitada instituição de ensino; outra manifestação preconceituosa é evidenciada no momento em que este jovem caracteriza um trabalho mal feito chamando-o, pejorativamente, de “baianagem”¹¹³. Wilianmanthonys também manifesta seus preconceitos ao longo de sua fala nos comentários, como podemos perceber no momento em que ele manda o outro rapaz voltar para sua “pokebola”¹¹⁴, momento em que podemos perceber que ele manda outro voltar para “seu mundinho” e não dar palpite na sua produção.

A postura de João Quartieri, ao afirmar que o assunto é muito interessante, mas que só se dispõe a fazer um trabalho de História se a professor pedir a atividade na escola, nos mostra o quanto o aluno ainda é dependente da iniciativa do professor. Independente do interesse para com a temática, o jovem demonstra que a produção de um material a partir de uma temática histórica depende exclusivamente da iniciativa do professor, de pedir tal atividade nas aulas.

Após analisar estes comentários é visível como estereótipos estão arraigados à consciência histórica destes jovens, e como estes defendem seus ideais nestes locais virtuais, que têm como função a postagem de comentários livres. Preconceito que também perpassa a narrativa histórica construída sobre os hunos, ao selecionar frases que os colocam como culturalmente inferiores aos romanos e, portanto, bárbaros. Aqui é possível perceber uma relação entre o conhecimento histórico e as posturas socioculturais dos alunos.

¹¹² RAMOS, Márcia Elisa Teté. Pensamento dos Jovens em Comunidades Virtuais sobre História e seu Ensino. In: CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora.. (Org.). *Educação Histórica: Teoria e Pesquisa*. Ijuí: Unijuí, 2011.p. 293-313.

¹¹³ Andrei, Fernando, Matheus, Tamires e William. *Invasões Bárbaras*. Escola Municipal de Educação Básica Santa Rita de Cássia – turma 203 – História, 2009. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=UrIxxJ52mtc>. Acessado em 08/01/2012

¹¹⁴ Ibid.

Entretanto, após finalizar estas explanações fui acometida por inquietações às quais a produção e os comentários, por si só, não sanava. Será essa forma simplista, factual, e linear e fragmentada de analisar os fatos históricos a ensinada pela professora de História dessa turma?; Será que eles tiveram acesso a uma concepção mais ampla e crítica sobre conceitos etnocêntricos como “povos bárbaros” e sua história, mas que não conseguiram explicitar ao longo do vídeo?; Será que eles veem todos os conteúdos trabalhados na disciplina de História a partir do mesmo olhar reducionista que ficou evidente na produção?; Será que os estudantes mantêm essa postura preconceituosa nas aulas de História?; Será que os estudantes formam essa posição preconceituosa a partir das aulas de História, ou a partir de sua convivência social? Será como foi a apresentação e recepção deste vídeo para a turma: terá a professora levantado questionamentos sobre ... ? e os colegas?

A partir destas inquietações me remeti ao trabalho de Cerri que afirma que as aulas de história devem, para além de transmitir informações, confrontar consciências. Isso fica evidente na passagem em que ele afirma que

(...) Então o professor de história definitivamente não é um tradutor de conhecimento erudito para o conhecimento escolar... É, sim, um intelectual capaz de identificar quadros de consciência histórica subjacentes aos sujeitos do processo educativo – inclusive o seu próprio – e de assessorar a comunidade na compreensão crítica do tempo, da identidade e da ação na história...¹¹⁵

Mesmo que esta não seja a abordagem histórica adotada pela professora, foi ela que os alunos escolheram para embasar sua produção, foi assim que eles se apropriaram do conhecimento histórico veiculado na escola e na mídia digital. Abordagem esta que revela uma narrativa ausente da preocupação em refletir historicamente sobre o fato narrado, ou seja, de pensar mudanças e permanências entre a Antiguidade e os dias de hoje no que diz respeito ao contato entre diferentes povos e culturas. Entretanto estas indagações e suposições não serão aprofundadas neste trabalho. As deixarei para uma pesquisa a ser desenvolvida em outro momento.

¹¹⁵ CERRI, L. F. *Ensino de história e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p18.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho produzido ao longo desta monografia, culminamos em considerações finais que devem ser enumeradas e apresentadas de forma mais sucinta. Essas não nos remetem à uma conclusão, pelo contrário, nos remetem à novas indagações, que futuramente serão problematizadas em outros trabalhos.

Primeiramente é preciso deixar claro que este não é um trabalho de pesquisa desenvolvido individualmente, mas por uma equipe de pesquisadores e colaboradores que trabalharam mutuamente na coleta dos materiais citados e analisados ao longo deste.

Uma constatação que acho importante evidenciar faz referência à metodologia aplicada na pesquisa. A partir da pesquisa participante - CAMPOS¹¹⁶; EZPELETA, ROCKWELL¹¹⁷ -, da Didática da História - CARDOSO¹¹⁸; PAGÈS BLANCH¹¹⁹ -, do Grupo Focal - GATTI¹²⁰, foi feito o acompanhamento das aulas de História das turmas de 7º ano de quatro instituições de ensino distintas, sendo essas duas Escolas Estaduais, uma Escola Municipal e uma Escola Particular, observação da interação entre os estudantes nos períodos de intervalos entre as aulas; aplicação de um questionário produzido pelos pesquisadores participantes, que seguiu o modelo aplicado por Charlot¹²¹ em um trabalho genérico desenvolvido em Sergipe, no ano de 2006; aplicação da dinâmica do Grupo Focal para dialogar diretamente com alguns estudantes, a fim de aprofundar algumas questões presentes no questionário, observar a postura desses diante de temas considerados polêmicos e observar o debate que naturalmente surgiria ao longo da dinâmica.

Trabalho com jovens que estão inseridos numa faixa etária que varia entre 10 e 16 anos, contudo em todas as escolas há uma predominância dos estudantes de 11 a 13 anos. Ao realizar uma comparação entre o uso dos meios digitais na escola, em detrimento à sua apropriação no cotidiano dos alunos, percebo que há uma predominância no uso desses equipamentos no cotidiano. Tal questão não causou

¹¹⁶ CAMPOS, M. M. M. *Pesquisa participante: possibilidades para o estudo da escola. Caderno de Pesquisa*. 1984, n.49, p. 63-66.

¹¹⁷ EZPELETA, J. e ROCKWELL, E. *Pesquisa Participante*, São Paulo, Cortez/Autores associados, 1986.

¹¹⁸ CARDOSO, O. *Para uma definição de Didática da História*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 28, nº 55, 2008, p. 153-170.

¹¹⁹ PAGÈS BLANCH, Joan. Reflexiones sobre algunos problemas teóricos y de método de la investigación en Didáctica de la Historia y de las Ciencias Sociales1 .

Reseñas de Enseñanza de la Historia nº 9. APEHUN, agosto, 2011, p. 41-60

¹²⁰ GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber livro, 2005, 77p.

¹²¹ CHARLOT, B. *Juventudes sergipanas*. Aracaju: J. Andrade, 2006.

surpresa, pois percebi que, mesmo quando as escolas disponibilizam equipamentos digitais para o acesso dos estudantes, essa ainda privilegia as formas tradicionais que ensino, que consistem no quadro, giz/pincel e livro didático.

Ao observar os resultados apresentados pela comparação da apropriação dos meios impressos na escola e no cotidiano, percebi que, em ambos os casos, encontramos os menores resultados, ou seja, eles são pouco utilizados em ambos os ambientes. Entretanto, ao olhar os resultados apresentados na mesma comparação, mas com o objeto livro didático, percebi que os resultados aumentam consideravelmente. Tal questão ocorre devido ao fato de a escola ainda legitimar o uso deste artefato como instrumento de ensino, e o fato de os estudantes afirmarem o utilizarem em seu cotidiano nos remete ao fato de os estudantes também autenticarem esta fonte.

Ao questionar os estudantes sobre a quantidade de computadores que esses possuem em casa, cheguei ao resultado que a maioria dos alunos de todas as escolas tem pelo menos um computador em casa. E quando indagados sobre possuírem acesso à internet em suas residências, a grande maioria, afirmou possuir tal serviço disponível em sua moradia. A soma desses dois resultados mostra que atualmente o uso do computador só possui sentido quando complementado pela internet. Entretanto, pensando naqueles que não possuem tal equipamento eletrônico e serviço em casa, argui sobre qual o local em que esses acessam a rede, e o resultado obtido foi, principalmente, o acesso em *lan houses*, seguido pela casa dos amigos. Mas como um todo, esses resultados mostram que, independente do local, os jovens estão conectados.

Para aprofundar as análises referentes à relação de necessidade que os estudantes aparentam ter com a internet, indaguei sobre a frequência com que eles se conectam, e o resultado obtido evidenciou que a maioria dos estudantes, que participaram da pesquisa, afirmaram acessar diariamente a rede. A fim de penetrar mais, questionei quantas horas diárias os alunos passam navegando na internet, e o resultado foi que a maioria passa entre 1 e 3 horas conectados. Tal postura não é opção dos jovens, mas devido a uma imposição dos pais, que consideram a internet como um local alienante e de pouca contribuição para a formação de seus filhos.

A fim de compreender qual a intenção dos estudantes ao se conectarem na internet, perguntei qual o uso mais frequente que eles fazem da internet, e os resultados evidenciaram que a primeiramente eles mais acessam os sites de busca, seguido pelos sites de compartilhamento. A partir destas respostas percebemos que a postura dos pais de não permitirem que seus filhos passem muito tempo conectados não se justifica, pois

os próprios estudantes afirmaram utilizar principalmente os sites de busca, enquanto que os sites de diversão são menos utilizados. Entretanto, informações extraídas dos fóruns de debates mostram que os estudantes, mesmo realizando trabalhos escolares a partir de sites de busca, não necessariamente estão enriquecendo e aprofundando seus conhecimentos. Afirmo isso porque alguns alunos participantes da dinâmica afirmaram que apenas copiam as informações disponíveis na internet e as copiam para um documento do *Word*, seja o texto original ou fragmentos de vários textos, e entrega o plágio ao professor. A partir desses relatos percebemos que os estudantes não realizam uma análise crítica do material disponível nos sites de busca, e não se preocupam em apresentar a fonte de onde o trabalho foi extraído.

Para aprofundar as análises referentes aos estudantes enquanto produtores e disseminadores de conhecimento histórico decidi problematizar um vídeo disponível no site de compartilhamento *youtube*, produzido por estudantes da educação básica. O vídeo “Invasões Bárbaras”¹²², de duração de 3 minutos e 42 segundos, é composto por imagens que os alunos/autores consideram relacionadas à temática, e por frases criadas pelos estudantes ou transcritas de outras fontes não identificadas, que apresentam as informações que os autores consideraram importantes para explicar o conteúdo apresentado. Contudo, o vídeo não é composto apenas por imagens e textos históricos, mas também é complementado com imagens de personagens humorísticos e imagens contemporâneas de seu tempo.

A partir deste trabalho é possível conhecer, mesmo que minimamente, os estudantes que o produziram. Esses mostram o quanto a disciplina de História é desinteressante para eles no momento em que optam por apresentar elementos humorísticos e presentistas em seus trabalhos, decisão que tem como intenção tornar o trabalho mais interessante para os colegas, independente da contribuição que tal escolha traz para a perspectiva histórica do trabalho. Também percebemos que a decisão de apresentar imagens de um humorista que faz paródia de um apresentador gay não pode ser considerado como uma mera coincidência, mas impregnada de intencionalidades.

A forma como o tema histórico é apresentado ao longo do vídeo também merece ser problematizado, pois a produção é composta por imagens que são meramente ilustrativas, complementadas por frases descontextualizadas, que pouco apresentam dos

¹²² Andrei, Fernando, Matheus, Tamires e William. *Invasões Bárbaras*. Escola Municipal de Educação Básica Santa Rita de Cássia – turma 203 – História, 2009. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=UrIxxJ52mtc>. Acessado em 08/01/2012

povos bárbaros. Também é importante salientar que ao longo da apresentação é notório que os estudantes consideram os povos bárbaros como “bárbaros”, no sentido literal da palavra, pois eles transmitem a ideia de eles serem inferiores à cultura romana por não dominarem o latim, por não viverem em sociedade.

Os comentários disposto abaixo do vídeo também apresentam elementos importantes para caracterizar a consciência histórica dos jovens envolvidos no debate. Nele estão evidentes preconceito contra estudantes da rede pública, uso pejorativo da expressão “*baianagem*”¹²³, além de evidenciar que, mesmo se interessando pela temática, os estudantes afirmam só produzir trabalhos referentes à temática histórica quando o professor pede em sala de aula, fato que evidencia uma dependência da nota e da exigência do professor para se dispor a produzir um trabalho de História.

Novas questões foram me surgindo no momento em que finalizava este trabalho, como procurar entender a recepção deste trabalho pelo professor e pelos colegas; compreender se essa forma factual e fragmentada de entender a História é ensinada pelo professor; e caso não, se ele, após ter contato com este trabalho, desenvolveu alguma atividade de resignificação histórica com seus alunos. Contudo esses questionamentos serão levados para uma nova pesquisa. Mas são pistas que revelam a importância das produções históricas disponibilizadas no ciberespaço, discentes ou não, serem debatidas nas aulas de História para que o professor seja mais que um transmissor de informações do passado, mas sim um mediador de múltiplas consciências históricas que circulam na sala de aula - as suas, dos jovens estudantes, dos materiais didáticos, das mídias - no sentido de contribuir para a compreensão crítica do tempo, da identidade e da ação na história.

¹²³ Ibid.

DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SITES

Andrei, Fernando, Matheus, Tamires e William. *Invasões Bárbaras*. Escola Municipal de Educação Básica Santa Rita de Cássia – turma 203 – História, 2009. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=UrxgJ52mtc>. Acessado em 08/01/2012

Escolas participantes da 9ª Olimpíada Brasileira de Matemática, da cidade de bom Jardim, Estado do Maranhão. Disponível em <http://www.obmep.org.br/listaStatusCadastralEscolasMEC.DO?jsessionid=31F8703C06FE1F2D2379DBAE86F9B860?cityRegionId=210200802002> , acessado em 29/10/2013, às 10:31.

Site da Secretaria de Planejamento Urbano de Uberlândia, http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/1460.pdf, Acessado em 31 de julho de 2012.

Sobre a Escola de Educação Básica Santa Rita de Cássia. Disponível em <http://www.melhorescola.net/escola/emeb-santa-rita-de-cassia#dados> , acessado em 29/10/2013, às 10:29.

LIVROS DIDÁTICOS

Braick, P. R.; Mota, M. B. *História - Das Cavernas ao Terceiro Milênio*. Editora: Moderna. Categoria: Didáticos, 7º Ano, 2ª Ed, 752p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

ARRUDA, E. P.; SIMAN, L. M. de C. Jogos digitais, juventude e as operações da cognição histórica. In: FONSECA, Selva Guimarães (Org.). *Ensinar e aprender História: formação, saberes e práticas educativas..* Campinas: Átomo & Alinea/Fapemig, 2009.p. 231-252.

_____. Na tessitura das tramas virtuais: entre histórias, tecnologias e aprendizagens. In: FONSECA, Selva Guimarães e GATTI JÚNIOR, Décio. (Org.). *Perspectivas do Ensino de História: ensino, cidadania e consciência histórica (no prelo)*. 1ed.Uberlândia: Edufu, 2011, v. 1, p. 131-153.

BASTIAN, Mariana. Pânico na TV: a (a) firmação do circo midiático. In: Revista UNIrevista. Vol. 1, n.º 3. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2006.

BERGMANN, K. A História na reflexão didática. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 9 (19), pp. 29-42, set.1998/fev.1990.

CAMPOS, M. M. M. *Pesquisa participante: possibilidades para o estudo da escola*. *Caderno de Pesquisa*. 1984, n.49, p. 63-66.

CARDOSO, O. *Para uma definição de Didática da História*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 28, nº 55, 2008, p. 153-170.

CERRI, L. F. *Ensino de História e Nação na propaganda do "Milagre Econômico"*. *Revista Brasileira de História*. V. 22. nº. 43. São Paulo, 2002, p. 195 – 224

_____. *Ensino de história e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, 136p.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 1999.

_____. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Godin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

CHARLOT, B. *Juventudes sergipanas*. Aracaju: J. Andrade, 2006.

DURKHEIM, E. *EDUCAÇÃO E SOCIOLOGIA*. Hedra, 2010, 136p.

EZPELETA, J. e ROCKWELL, E. *Pesquisa Participante*, São Paulo, Cortez/Autores associados, 1986.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. As novas tecnologias no ensino de História: e estado da arte. In: FERREIRA, Carlos Augusto Lima. *ENSINO DE HISTÓRIA Reflexões e novas perspectivas*. Salvador: Quarteto, 2004, p.73 – 92.

FRANCO, A. P. . A formação histórica e as redes sociais: saberes e práticas docentes e autorias discentes. In: II Congresso PeopleNET in Education: Congresso de Redes Sociais Aplicadas à Educação, 2012, São Paulo. Revista People Net. São Paulo: People.Net, 2012. v. 1.

FRANCO, A. P. ; VERENA, R. A. S. . A memória e o ensino de História hoje: um desafio nos deslizamentos de sentidos. In: Ernesta Zamboni. (Org.). *Digressões sobre o*

Ensino de História: memória, história oral e razão histórica. 1ed.Itajaí - SC: Maria do Cais, 2007, v. , p. 73-102.

GATTI, B. A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Liber livro, 2005, 77p.

GINZBURG, C. História na Era Google. In: Fronteiras do pensamento, Porto Alegre: RS, 2010. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=QKdfsVBP20E>. Acessado em 21/10/2013, às 15:35.

LEITE, M. L. M. Texto visual e texto verbal. In. FELDMAN- BIANCO, Bela; LEITE, M. L. M. (orgs) Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas, SP: Papirus, 3ª Ed., 2004, p. 37-50.

LUCINI, M.; Oliveria, S.; Miranda, S. Na esteira da Razão Histórica: olhares e diálogos com a obra de Jörn Rüsen. In: ZAMBONI, Ernesta. *Digressões sobre o ensino de história: memória, história oral e razão histórica*. Itajaí: Ed. Maria do Cais, 2007.

MARQUES, M.; FRAGA, F.; FILHO, F. F. L. **A Análise do Merchandising no Programa Pânico na TV**. Encontro do Núcleo Gaúcho de História da Mídia-ALCAR/RS, 4., São Borja. **Anais eletrônicos**, São Borja:RS, ALCAR - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2012. p. 1-12.

MARTÍN-BARBERO, J. Saberes hoje: disseminações, competências e transversalidades. In: RIBEIRO, A. P. G.; HERSCHMANN, M. (orgs.). Comunicação e História: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X, Globo Universidade, 2008. p. 237-252.

PAGÈS BLANCH, Joan. Reflexiones sobre algunos problemas teóricos y de método de la investigación en Didáctica de la Historia y de las Ciencias Sociales I .

Reseñas de Enseñanza de la Historia nº 9. APEHUN, agosto, 2011, p. 41-60

RAMOS, Márcia Elisa Teté . Pensamento dos Jovens em Comunidades Virtuais sobre História e seu Ensino. In: CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora.. (Org.). *Educação Histórica: Teoria e Pesquisa*. Ijuí: Unijuí, 2011.p. 293-313.

RUSEN, J. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. *Propuesta Educativa* - Flacso 4 (7). 1992, Buenos Aires: Miño y Davila Ed., pp. 27-36.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. Pensamento dos Jovens em Comunidades Virtuais sobre História e seu Ensino. In: CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora.. (Org.). *Educação Histórica: Teoria e Pesquisa*. Ijuí: Unijuí, 2011.p. 293-313.

SANTOS, B, L; ARRUDA, E. P. Juventude e Jogos Digitais: Aprendizagens em História no mundo contemporâneo. Apresentação oral, X ENPEH, 2013.

SMYL. E. B. O. ESTUDO DE CONDUTAS DIGITAIS DE JOVENS ESTUDANTES POR MEIO DO PROJETO JOVENS E A HISTÓRIA. Aprendizagens em História no mundo contemporâneo. Apresentação oral, X ENPEH, 2013.

ZUIN, V. G. e ZUIN, A. A. S. Memória, Internet e Aprendizagem Turbo. *Currículo sem Fronteiras*, v.11, n.2, pp.221-239, Jul/Dez 2011

ANEXOS

ANEXO I

Questionário socioeconômico aplicado aos alunos de 7º das escolas pesquisadas:

Convidamos você para preencher este questionário que faz parte da pesquisa *A formação da consciência histórica em estudantes da educação básica: entre manifestações da cultura contemporânea e as culturas escolares*, desenvolvida pelas professoras da Eseba/UFU - Aléxia Pádua Franco e Alinne Grazielle Neves, e pela aluna do curso de História da UFU, Cinthia Cristina de Oliveira Martins.

Nesta pesquisa nós estamos buscando entender como a cultura contemporânea presente na vida das crianças e jovens através da televisão, da internet, da música, do cinema, dos grupos de amigos e de outros meios de comunicação e socialização, influencia a compreensão da História pelos alunos/as do ensino fundamental. Além disso, também queremos conhecer como os/as professores/as de História trabalham esta cultura contemporânea em suas aulas.

AGRADECEMOS MUITO A SUA PARTICIPAÇÃO! Ela será valiosa para nossas reflexões que esperamos poder contribuir para o desenvolvimento do ensino de História em nossa cidade.

NOME DA ESCOLA: _____

1. **Idade:** _____
2. **Ano de ensino que estuda em 2010:** _____
3. **Sexo:** () masculino () feminino
4. **Trabalha no período oposto ao escolar?**
() Não

() Sim Quantas horas? _____

5. **Você vive com:**
() pai e mãe sanguíneos

() somente com o pai sanguíneo

() somente com a mãe sanguínea

() pais adotivos

☐ Avós

☐ outra. Citar: _____

6. Quantas pessoas compõem a sua família?

☐ 3 pessoas

☐ 4 pessoas

☐ 5 pessoas

☐ 6 pessoas

☐ Outro. Citar: _____

7. Como você considera a cor de sua pele:

☐ Negra

☐ Branca

☐ Parda

☐ Índia

☐ Outra. Citar: _____

8. Localização da moradia no município onde você estuda:

☐ Em bairros de periferia. Qual? _____

☐ Em bairros do centro. Qual? _____

☐ Na zona rural. Qual? _____

9. Assinale a faixa de renda da família: (soma de salários dos membros da família)

☐ mãe desempregada

☐ pai desempregado

☐ de R\$ 465,00 a R\$ 930,00

☐ de R\$ 931,00 a R\$ 1.860,00

☐ de R\$ 1.861,00 a R\$ 2.790,00

☐ de R\$ 2.791,00 a R\$ 4.185,00

☐ de R\$ 4.186,00 a R\$ 5.115,00

☐ Mais que R\$ 5.115,00

10. A moradia da família é:

☐ própria

☐ alugada

☐ financiada

☐ outra. Citar: _____

11. Sua família possui veículo próprio?

☐ sim

☐ não

12. Qual o nível de instrução dos pais ou responsáveis:
Pai/homem

☐ Ensino Fundamental completo (1ª a 8ª Séries)

☐ Ensino Fundamental incompleto

☐ Ensino Médio Completo (1º ao 3º Colegial)

☐ Ensino Médio incompleto

☐ Ensino Superior completo (3º grau)

☐ Ensino Superior incompleto

☐ Pós graduação: ☐ Especialização ☐ Mestrado ☐ Doutorado

Mãe/mulher

☐ Ensino Fundamental completo (1ª a 8ª Séries)

☐ Ensino Fundamental incompleto

☐ Ensino Médio Completo (1º ao 3º Colegial)

☐ Ensino Médio incompleto

☐ Ensino Superior completo (3º grau)

() Ensino Superior incompleto

() Pós graduação: () Especialização () Mestrado () Doutorado

13. Avalie, por ordem de importância, os meios culturais que você mais utiliza em seu dia-a-dia. (0 significa nada e 5 significa muito)

Fonte cultural	0	1	2	3	4	5
Escola						
Cinema						
Televisão						
Teatro						
Rádio						
Festas populares						
Rodas de amigos						
Jornais						
Revistas						
Livros						
Internet						
Jogos Eletrônicos						
Esportes						
Família						
Lazer						
Religião						
Outra*						

*Citar: _____

14. Avalie, por ordem de importância, os meios culturais que você tem acesso através da escola: (0 significa nada e 5 significa muito)

Fonte cultural	0	1	2	3	4	5

Filmes						
Televisão						
Teatro						
Rádio						
Festas populares						
Rodas de amigos						
Jornais						
Revistas						
Livros						
Internet						
Jogos Eletrônicos						
Esportes						
Família						
Lazer						
Religião						
Outra*						

*Citar _____

15. Qual é o seu nível de satisfação com a educação escolar oferecida pela Escola que você estuda?

- () excelente
- () Muito bom
- () Bom
- () Regular
- () Fraco

16. Qual é o seu nível de satisfação com o ensino de História oferecido pela Escola que você estuda?

☐ excelente

☐ Muito bom

☐ Bom

☐ Regular

☐ Fraco

17. Você estudou sempre na mesma escola?

☐ Sim

☐ Não. Cite o nome das outras escolas em que você estudou:

18. Você vai para a escola:

☐ A pé

☐ De ônibus

☐ De perua escolar

☐ De carro

☐ Outro. Citar: _____

19. Você vai a escola para: (Assinale de 1 a 5, sendo 1 o que vem em primeiro lugar e 5 o que vem em último)

☐ Estudar

☐ Encontrar os amigos

☐ Ficar ou namorar

☐ Porque seus pais obrigam

☐ Outros

Citar _____

20. Para que você acha que serve a escola e no que ela te ajuda?

21. Quais as matérias que você mais gosta/entende? Por quê?

22. O que você pretende fazer depois que completar o ensino fundamental?

- ☐ Trabalhar
- ☐ Fazer o ensino médio normal
- ☐ Fazer o ensino médio técnico. Em que? _____
- ☐ Trabalhar e estudar
- ☐ Outros. Citar _____

23. Quantos Computadores você tem na sua casa?

- ☐ nenhum
- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4 ou mais.

24. Você tem acesso a internet em casa? ☐ Sim ☐ Não

25. Se não, onde você acessa a internet?

- ☐ Lan House
- ☐ Casa de parentes
- ☐ Casa de amigos
- ☐ Na escola
- ☐ Outros. Citar: _____

26. Com qual frequência você acessa a internet?

- ☐ Todos os dias

Quantas vezes por dia: _____

- ☐ Toda semana

Quantas vezes por semana: _____

- ☐ Todo mês
- ☐ Acesso raramente
- ☐ Não acesso

Quantas vezes por mês: _____

27. Quanto tempo você fica conectado a internet por dia?

- ☐ Até 1 hora
- ☐ De 2 a 3 horas
- ☐ De 3 a 4 horas
- ☐ De 4 a 5 horas
- ☐ De 5 a 6 horas
- ☐ Mais de 6 horas. Quantas? _____

28. Qual o uso mais freqüente da internet de 1 a 5 (sendo o número 1 o que você menos acessa e o 5 o que mais acessa).

Formas de uso da internet	1	2	3	4	5
MSN					
Orkut					
E-mail					
Twitter					
Formspring					
Facebook					
You tube					
Blogs					
Sites de Busca*					
Outros**					

*Qual? _____

**Quais? _____

29. Para que você usa a internet, de 1 a 5? (sendo para o que menos usa o número 1 e para o que mais usa o número 5)

Utilidades para a internet	1	2	3	4	5
Estudar ou fazer trabalhos					
Se comunicar com amigos					
Xavecar ou namorar					
Trabalhar					
Jogar					
Outros*					

*Para que? _____

30. Qual canal de TV você mais assiste? (você pode marcar quantas opções desejar)

- () Globo
- () Sbt
- () Record
- () Tv Cultura e/ ou Tv Futura
- () Mtv
- () Multishow

- ☐ Discovery
☐ Canais de filmes pagos Quais?

☐ Outros Quais?

31. Por quanto tempo você assiste Tv por dia?

- ☐ Até 1 hora
☐ De 2 a 3 horas
☐ De 3 a 4 horas
☐ De 4 a 5 horas
☐ De 5 a 6 horas
☐ Mais de 6 horas Quantas?
-

32. Quais programas de Tv você mais gosta?

33. Quais filmes você mais gostou de assistir nos último ano?

34. Qual o último livro que você leu?

35. Quais os estilos de música que você mais gosta?

36. Quais bandas ou grupos musicais você mais gosta?

37.

Com qual frequência você lê:	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca
Revistas em quadrinho ou mangá:				
Revistas tipo Love, Capricho, entre outras:				
Revistas informativas tipo Veja, Época, Superinteressante, entre outras:				
Revistas on-line:				
Jornais em papel:				
Jornais online:				
Livros escolares:				
Livros de romance, aventuras ou suspense:				
Livros on-line:				
Clássicos da literatura nacional e internacional				

38.

Com qual frequência	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca
Escuta músicas no celular				
Escuta música no computador				

Escuta música em MP3 ou similares (Ipod, MP4, etc):				
Baixa música da internet				
Vai a shows				
Compra Cds originais				
Compra Cds pirateados				
Compra DVD de shows				

39. Você se importa com marca de roupa ou de sapato/tênis?

() Sim

() Não

40. Qual marca de sapato/tênis você mais gosta?

41. Qual marca de roupa você mais gosta?

42. Qual marca de sapato/tênis você mais usa?

43. Qual marca de roupa você mais usa?

44. Até quanto você gastaria em um tênis ou sapato?

- ☐ Até R\$ 50,00
☐ Até R\$100,00
☐ Até R\$200,00
☐ Até R\$300,00
☐ Mais de R\$ 300,00 Quanto? _____

45. Qual o estilo que você se identifica mais?

- ☐ Emo

☐ Hippie

☐ Roqueiro

☐ Alternativo

☐ Paty

☐ Boy

☐ Não me identifico com nenhum deles

46. O que você faz aos finais de semana e no seu tempo livre? Que lugares frequenta?

Se você tiver interesse em participar do Fórum de Debates sobre este projeto, complete os campos abaixo:

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

e-mail: _____

Nome do Responsável: _____

Contato com o responsável: _____

ANEXO II

Questionário (quebra-cabeça histórico) aplicado aos alunos participantes dos Fóruns de debates

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA Área de História	
---	---	---

QUEBRA-CABEÇA HISTÓRICO

Você é: () alun@ () professor@

Da Escola _____

Enumere o quadro abaixo, ordenando os acontecimentos históricos que você viu no clipe, de acordo com a ordem cronológica em que eles ocorreram, do mais antigo (1) para o mais recente (8).

ATENÇÃO:

- Nem todos os acontecimentos registrados no quadro apareceram no clip!
- Isto não é uma prova! Não se preocupe com erros ou acertos. Faça do jeito que você sabe.
- Fique à vontade para trocar idéias com os outros participantes do jogo.

ACONTECIMENTO	NÚMERO
Civilizações Pré-Colombianas	
Encontros e desencontros entre colonizadores europeus e comunidades indígenas na América	
Copa do Mundo do Brasil	
Cruzadas	
Independência dos EUA	
Independência do Brasil	
A escravidão negra no Brasil	

A humanidade no futuro	
As primeiras comunidades humanas	
11 de setembro	
Revolução Francesa	
Revolução Industrial	
Roma Antiga	

ANEXO III

Tabela 1 - Produções discentes sobre temas históricos relacionados ao 7º ano, divulgados no youtube

Acessos de julho a dezembro de 2012

Palavra-chave	Vídeos do youtube	Nível de ensino	Tipo de escola	Comentários	Cidade/estado
Islamismo	http://www.youtube.com/watch?v=7RgnXoN2lhw	Não informado	Não informado	Não	Ouro preto
	http://www.youtube.com/watch?v=dntGITVb9Bo	Ensino médio	Particular	Não	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=h_O28QhSYuM	Não informado	Não informado	Sim	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=Hb33NcvxbIM	Não informado	Não informado	Não	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=rPwVMf-9NIU	Não informado	Não informado	Não	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=DZfB4nmeYal	Ensino médio	Não informado	Não	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=Lq4duL8IUCM	Ensino médio	Não informado	Sim	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=IzORN12QvJ4	Não informado	Não informado	Não	Não informado

Palavra-chave	Videos do youtube	Nível de ensino	Tipo de escola	Comentários	Cidade/estado
Muçulmano	Não encontrado				
Oriente médio	http://www.youtube.com/watch?v=e9mA5Rwkteg	Não informado	Não informado	Não	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=AVYe_T_m1rl	Não informado	Não informado	Não	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=nhMter9glbw	Não informado	Não informado	Sim	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=ltZlpCGmk5w	Fundamental II	Não informado	Não	Não informado
Crise do império romano	http://www.youtube.com/watch?v=Qp3xqZEhVlk	Não informado	Não informado	Não	Não informado
Invasões bárbaras	http://www.youtube.com/watch?v=UrxgJ52mtc	Não informado	Não informado	Sim	Não informado
Império carolíngio	http://www.youtube.com/watch?v=Sf-Xvui05oY	Não informado	Pública	Sim	Araucária/PR
	http://www.youtube.com/watch?v=rkFpG4m7hNs	Não informado	Não informado	Não	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=7Ue0kKJhZyE	Não informado	Não informado	Não	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=_MnloVC07Pc		Não informado		

Palavra-chave	Vídeos do youtube	Nível de ensino	Tipo de escola	Comentários	Cidade/estado
		Não informado		Não	Não informado
Feudalismo	http://www.youtube.com/watch?v=fPYI8QnS7IQ	Não informado	Não informado	Não	Não informado
Idade média	http://www.youtube.com/watch?v=4xQ_FEc9Ais	Não informado	Não informado	Sim	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=2KHFLQdrzYo	Não informado	Não informado	Sim	Não informado
Arte medieval	http://www.youtube.com/watch?v=6RXIFxFvqoU	Fundamental II	Não informado	Não	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=esJf7fPkH78	Não informado	Não informado	Não	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=y6nXsg-uf80	Não informado	Não informado	Não	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=Cxu7-7IG83Y	Não informado	Não informado	Não	Não informado
Cultura medieval	http://www.youtube.com/watch?v=rnbv55opXLI	Não informado	Não informado	Não	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=tBnMV63f6mo	Não informado	Não informado	Não	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=rJymWaD6ZxU	Não informado	Não informado	Não	Não informado
	http://www.youtube.com/watch?v=0tEFKVp1L1k	Não informado	Não informado	Não	Não informado

Palavra-chave	Vídeos do youtube	Nível de ensino	Tipo de escola	Comentários	Cidade/estado
	http://www.youtube.com/watch?v=0tEFKVp1L1k		Particular	Não	São Paulo /SP
Igreja católica	Não encontrado				
Catolicismo	Não encontrado				
Burgueses	Não encontrado				
Corporações de ofício	http://www.youtube.com/watch?v=FedgzVA1vDM	Fundamental II	Pública	Não	Limeira /SP
Renascimento comercial	http://www.youtube.com/watch?v=vGfAH0xRq94 http://www.youtube.com/watch?v=M57IXGp5VI4	Não informado	Não informado	Não	Não informado
Cruzadas	http://www.youtube.com/watch?v=usPcHl8gSwY	Não informado	Não informado	Sim	Não informado